

Março 2020



CONSELHO DIRETOR NACIONAL

Cláudia Aparecida e Eduardo F. Firmiano
Deise e Raimundo Fonseca da Silva
Maria Lúcia e Waldir Leandro de Paula
Vilma e Roseneo Olizete Jorge
Rosana e Rubens de Oliveira Carvalho

Conselho Editorial

Anderson Amorim Alves
Camila Contente Pavão
Gabryel Oliveira de Souza
Jorge Antônio Soares Leão
Lucilea do Socorro Souza Costa
Kleber José Oliveira Rodrigues
Maria Sebastiana Soares Leão
Arte e diagramação Anderson Nogueira
amarartesvisuais@gmail.com e João Borges
Circulação restrita sem fins comerciais

SUMÁRIO

A flor e a náusea Carlos Drummond de Andrade	17	Mãos de criança Thiago de Mello	33
A jornada pacificadora de Mohan- das Ghandi Jorge Leão	14	Nossa caminhada no MFC	55
A tentação da indiferença Jorge Leão	18	Marly e José Maurício Guedes	
A terceira asa Thiago de Mello	20	Refugiados e hospedagem: o desafio	37
Alimentação simples e intuitiva Tatiana Silva dos Santos	21	Deonira L. Viganó La Rosa	
Aos que vão nascer Bertol Brecht	23	Sínodo para a Amazônia e crise civilizatória	39
Crise e ressurreição Reinaldo José Teixeira Gonçalves	24	Dom Mauro Morelli	
Um texto que nunca escrevi Rogério Henrique Castro Rocha	27	Sobre a Páscoa	47
Exortação Apostólica Pós Sinodal Papa Francisco	5	Bráulio Bessa	
Em tempos de barbárie quei- mam os livros Jorge Leão	49	Ternura, será ela o amor?	51
Mãos dadas Carlos Drummond de Andrade	26	Deonira L. Viganó La Rosa	
	31	Todas as contas contam	40
		Eduardo Machado	
		Unidos pela casa comum	44
		Extraído da internet	
		Violência contra a mulher	63
		Alino Lorenzon	
		Sugestões de filmes	
		Editoria	
		Frases: páginas 25, 40, 54 e 62	

CONVERSA COM O LEITOR

A revista Fato e Razão continua sua missão de levar sempre reflexões e informações valiosas para a sociedade brasileira, aos participantes do Movimento Familiar Cristão e de diversos segmentos sociais.

Neste ano de 2020, um novo Conselho Editorial, com apoio e sintonia com os companheiros que nos antecederam, terá como missão dar continuidade ao projeto de permanência deste veículo de comunicação e formação cidadã para todos e todas que se doam para a construção de mundo mais justo, sustentável e fraterno.

Em sintonia com a conclamação do Papa Francisco, no Sínodo da Amazônia, em outubro de 2019, e com os movimentos populares que resistem para a permanência de uma sociedade livre e democrática, é com muita honra que o novo Conselho Editorial se coloca a disposição para tão precioso chamado e urgente conclamação missionária.

À luz do evangelho, proclamado por João 10, 10, fortalecidos pela Vida em abundância, os nossos mais sinceros agradecimentos pela oportunidade e confiança a nós delegada.

Que esses novos caminhos que agora se nos descortinam, ratifiquem o compromisso de tantos anos de dedicação dos amigos e amigas que até hoje sustentam o sonho da construção do mundo de Justiça e de Paz, utopia tão cara a cada um de nós, e que a revista Fato e Razão vem cumprindo de maneira tão especial e imprescindível para a sociedade brasileira.

Muito axé e luzes em nossos caminhos!

Conselho Editorial Fato e Razão (2020)

QUERIDA AMAZÔNIA



SÍNODO PARA A
AMAZÔNIA

*Amazônia: novos caminhos para a Igreja
e para uma ecologia integral.*

Exortação Apostólica Pós-Sinodal

www.SinodoAmazonico.va



EXORTAÇÃO APOSTÓLICA PÓS-SINODAL QUERIDA AMAZÔNIA DO SANTO PADRE FRANCISCO AO POVO DE DEUS E A TODAS AS PESSOAS DE BOA VONTADE

1. A AMAZÔNIA QUERIDA apresenta-se aos olhos do mundo com todo o seu esplendor, o seu drama e o seu mistério. Deus concedeu-nos a graça de a termos presente de modo especial no Sínodo que se realizou em Roma de 6 a 27 de outubro de 2019, concluindo com o Documento Amazônia: Novos Caminhos para a Igreja e para uma Ecologia Integral.

O SENTIDO DESTA EXORTAÇÃO

2. Ouvi as intervenções ao longo do Sínodo e li, com interesse, as contribuições dos Círculos Menores. Com esta Exortação, quero expressar as ressonâncias que provocou em mim este percurso de diálogo e discernimento. Aqui, não vou desenvolver todas as questões amplamente tratadas no Documento conclusivo; não pretendo substituí-lo

nem repeti-lo. Desejo apenas oferecer um breve quadro de reflexão que encarne na realidade amazônica uma síntese de algumas grandes preocupações já manifestadas por mim em documentos anteriores, que ajude e oriente para uma recepção harmoniosa, criativa e frutuosa de todo o caminho sinodal.

3. Ao mesmo tempo, quero apresentar de maneira oficial o citado Documento, que nos oferece as conclusões do Sínodo e no qual colaboraram muitas pessoas que conhecem melhor do que eu e do que a Cúria Romana a problemática da Amazônia, porque vivem lá, por ela sofrem e a amam apaixonadamente. Nesta Exortação, preferi não citar o Documento, convidando a lê-lo integralmente.

4. Deus queira que toda a Igreja se deixe enriquecer e interpelar por este trabalho, que os pastores, os consagrados, as consagradas e os fiéis-leigos da Amazônia se empenhem na sua aplicação e que, de alguma forma, possa inspirar todas as pessoas de boa vontade.

SONHOS PARA A AMAZÔNIA

5. A Amazônia é um todo plurinacional interligado, um grande bioma partilhado por nove países: Brasil, Bolívia, Colômbia, Equador, Guiana, Perú, Suriname, Venezuela e

Guiana Francesa. Todavia dirijo esta Exortação ao mundo inteiro. Faço-o, por um lado, para ajudar a despertar a estima e solicitude por esta terra, que também é «nossa», convidando-o a admirá-la e reconhecê-la como um mistério sagrado; e, por outro, porque a atenção da Igreja às problemáticas deste território obriga-nos a retomar brevemente algumas questões que não devemos esquecer e que podem servir de inspiração para outras regiões da terra enfrentarem os seus próprios desafios.

6. Tudo o que a Igreja oferece deve encarnar-se de maneira original em cada lugar do mundo, para que a Esposa de Cristo adquira rostos multiformes que manifestem melhor a riqueza inesgotável da graça. Deve encarnar-se a pregação, deve encarnar-se a espiritualidade, devem encarnar-se as estruturas da Igreja. Por isso, nesta breve Exortação, ousou humildemente formular quatro grandes sonhos que a Amazônia me inspira:

7. Sonho com uma Amazônia que lute pelos direitos dos mais pobres, dos povos nativos, dos últimos, de modo que a sua voz seja ouvida e sua dignidade promovida.

Sonho com uma Amazônia que preserve a riqueza cultural que a caracteriza e na qual

brilha de maneira tão variada a beleza humana.

Sonho com uma Amazônia que guarde zelosamente a sedutora beleza natural que a adorna, a vida transbordante que enche os seus rios e as suas florestas.

Sonho com comunidades cristãs capazes de se devotar e encarnar de tal modo na Amazônia, que deem à Igreja rostos novos com traços amazônicos.

CAPÍTULO I

UM SONHO SOCIAL

8. O nosso é o sonho duma Amazônia que integre e promova todos os seus habitantes, para poderem consolidar o "bem viver". Mas impõe-se um grito profético e um árduo empenho em prol dos mais pobres. Pois, apesar do desastre ecológico que a Amazônia está a enfrentar, deve-se notar que "uma verdadeira abordagem ecológica sempre se torna uma abordagem social, que deve integrar a justiça nos debates sobre o meio ambiente, para ouvir tanto o clamor da terra como o clamor dos pobres». [1] Não serve um conservacionismo "que se preocupa com o bioma, porém ignora os povos amazônicos".[2]

INJUSTIÇA E CRIME

9. Os interesses colonizadores que, legal e ilegalmente,

fizeram – e fazem – aumentar o corte de madeira e a indústria minerária e que foram expulsando e encurralando os povos indígenas, ribeirinhos e afrodescendentes, provocam um clamor que brada ao céu:

"São muitas as árvores onde morou a tortura e vastas as florestas compradas entre mil mortes".[3]

"Os madeireiros têm parlamentares

e nossa Amazônia não tem quem a defenda (...)

Mandam em exílio os papagaios e os macacos (...)

Já não será igual a colheita da castanha".[4]

10. Isto favoreceu os movimentos migratórios mais recentes dos indígenas para as periferias das cidades. Aqui não encontram uma real libertação dos seus dramas, mas as piores formas de escravidão, sujeição e miséria. Nestas cidades caracterizadas por uma grande desigualdade, onde hoje habita a maior parte da população da Amazônia, crescem também a xenofobia, a exploração sexual e o tráfico de pessoas. Por isso o clamor da Amazônia não brota apenas do coração das florestas, mas também do interior das suas cidades.

11. Não é necessário repetir aqui as análises tão abrangentes e completas que foram

apresentadas antes e durante o Sínodo. Mas lembremos ao menos uma das vozes ouvidas: "Estamos sendo afetados pelos madeireiros, criadores de gado e outros terceiros. Ameaçados por agentes econômicos que implementam um modelo alheio em nossos territórios. As empresas madeireiras entram no território para explorar a floresta, nós cuidamos da floresta para nossos filhos, dispomos de carne, pesca, remédios vegetais, árvores frutíferas (...). A construção de hidroelétricas e o projeto de hidrovias têm impacto sobre o rio e sobre os territórios (...). Somos uma região de territórios roubados".[5]

12. Já o meu antecessor, Bento XVI, denunciava "a devastação ambiental da Amazônia e as ameaças à dignidade humana das suas populações".[6] Desejo acrescentar que muitos dramas tiveram a ver com uma falsa "mística amazônica": é sabido que, desde os últimos decênios do século passado, a Amazônia tem sido apresentada como um enorme vazio que deve ser preenchido, como uma riqueza em estado bruto que se deve aprimorar, como uma vastidão selvagem que precisa de ser domada. E, tudo isto, numa perspectiva que não reconhece os direitos dos po-

vos nativos ou simplesmente os ignora como se não existissem e como se as terras onde habitam não lhes pertencessem. Nos próprios programas educacionais de crianças e jovens, os indígenas apareciam como intrusos ou usurpadores. As suas vidas e preocupações, a sua maneira de lutar e sobreviver não interessavam, considerando-os mais como um obstáculo de que nos temos de livrar do que como seres humanos com a mesma dignidade que qualquer outro e com direitos adquiridos.

13. Para aumentar esta confusão, contribuíram alguns slogans, nomeadamente o de "não entregar",[7] como se a citada sujeição fosse provocada apenas por países estrangeiros, quando os próprios poderes locais, com a desculpa do progresso, fizeram parte de alianças com o objetivo de devastar, de maneira impune e indiscriminada, a floresta com as formas de vida que abriga. Os povos nativos viram muitas vezes, impotentes, a destruição do ambiente natural que lhes permitia alimentar-se, curar-se, sobreviver e conservar um estilo de vida e uma cultura que lhes dava identidade e sentido. A disparidade de poder é enorme, os fracos não têm recursos para se defender, enquanto o ven-

cedor continua a levar tudo, "os povos pobres ficam sempre pobres e os ricos tornam-se cada vez mais ricos".[8]

14. Às operações econômicas, nacionais ou internacionais, que danificam a Amazônia e não respeitam o direito dos povos nativos ao território e sua demarcação, à autodeterminação e ao consentimento prévio, há que rotulá-las com o nome devido: injustiça e crime. Quando algumas empresas sedentas de lucro fácil se apropriam dos terrenos, chegando a privatizar a própria água potável, ou quando as autoridades deixam mão livre a madeireiros, a projetos minerários ou petrolíferos e outras atividades que devastam as florestas e contaminam o ambiente, transformam-se indevidamente as relações econômicas e tornam-se um instrumento que mata. É usual lançar mão de recursos desprovidos de qualquer ética, como penalizar os protestos e mesmo tirar a vida aos indígenas que se opõem aos projetos, provocar intencionalmente incêndios florestais, ou subornar políticos e os próprios nativos. A acompanhar tudo isto, temos graves violações dos direitos humanos e novas escravidões que atingem especialmente as mulheres, a praga do narcotráfico que procura submeter os indígenas, ou o tráfico

de pessoas que se aproveita daqueles que foram expulsos de seu contexto cultural. Não podemos permitir que a globalização se transforme num «novo tipo de colonialismo».[9]

Indignar-se e pedir perdão

15. É preciso indignar-se,[10] como se indignou Moisés (cf. Ex 11, 8), como Se indignava Jesus (cf. Mc 3, 5), como Se indigna Deus perante a injustiça (cf. Am 2, 4-8; 5, 7-12; Sal 106/105, 40). Não é salutar habituarmos-nos ao mal; faz-nos mal permitir que nos anestesiem a consciência social, enquanto "um rasto de delapidação, inclusive de morte, por toda a nossa região, (...) coloca em perigo a vida de milhões de pessoas, em especial do habitat dos camponeses e indígenas".[11] Os casos de injustiça e crueldade verificados na Amazônia, ainda durante o século passado, deveriam gerar uma profunda repulsa e ao mesmo tempo tornar-nos mais sensíveis para também reconhecer formas atuais de exploração humana, violência e morte. Por exemplo, a propósito do passado vergonhoso, recolhamos uma narração dos sofrimentos dos indígenas da época da borracha na Amazônia venezuelana: "Os nativos não recebiam dinheiro, mas apenas mercadorias, e caras, que nunca acabavam

de pagar. (...) Pagava, mas diziam ao indígena: "Ainda estás a dever tanto" e o indígena tinha que voltar a trabalhar (...). Mais de vinte aldeias ye'kuana foram completamente arrasadas. As mulheres ye'kuana foram violadas e seus seios cortados; as grávidas desventradas. Aos homens, cortavam-lhes os dedos das mãos ou os pulsos, para não poderem navegar (...), juntamente com outras cenas do sadismo mais absurdo".[12]

16. Esta história de sofrimento e desprezo não se cura facilmente. E a colonização não para; embora em muitos lugares se transforme, disfarce e dissimule,[13] todavia não perde a sua prepotência contra a vida dos pobres e a fragilidade do meio ambiente. Os bispos da Amazônia brasileira recordaram que "a história da Amazônia revela que foi sempre uma minoria que lucrava à custa da pobreza da maioria e da depredação sem escrúpulos das riquezas naturais da região, dádiva divina para os povos que aqui vivem há milénios e os migrantes que chegaram ao longo dos séculos passados".[14]

17. Ao mesmo tempo que nos deixamos tomar por uma sã indignação, lembremo-nos de que sempre é possível superar as diferentes menta-

lidades de colonização para construir redes de solidariedade e desenvolvimento: "o desafio é assegurar uma globalização na solidariedade, uma globalização sem marginalização".[15] Podem-se encontrar alternativas de pecuária e agricultura sustentáveis, de energias que não poluem, de fontes dignas de trabalho que não impliquem a destruição do meio ambiente e das culturas. Simultaneamente é preciso garantir, para os indígenas e os mais pobres, uma educação adequada que desenvolva as suas capacidades e empoderamento. É precisamente nestes objetivos que se mede a verdadeira solécia e a genuína capacidade dos políticos. Não servirá para devolver aos mortos a vida que lhes foi negada, nem para compensar os sobreviventes daqueles massacres, mas ao menos para hoje sermos todos realmente humanos.

18. Anima-nos recordar que, no meio dos graves excessos da colonização da Amazônia, cheia de "contradições e lacerações",[16] muitos missionários chegaram lá com o Evangelho, deixando os seus países e aceitando uma vida austera e desafiadora junto dos mais desprotegidos. Sabemos que nem todos foram exemplares, mas o trabalho de quantos se mantiveram fiéis ao Evangelho também

inspirou “uma legislação, como as Leis das Índias, que protegiam a dignidade dos indígenas contra as violações de seus povos e territórios”.[17] E dado que frequentemente eram os sacerdotes que protegiam os indígenas de ladrões e abusadores, aqueles “pediam-nos insistentemente – contam os missionários – que não os abandonássemos e faziam-nos prometer que voltaríamos novamente”.[18]

19. E, nos dias de hoje, a Igreja não pode estar menos comprometida, chamada como está a ouvir os clamores dos povos amazônicos, «para poder exercer com transparência o seu papel profético”. [19] Entretanto como não podemos negar que o joio se misturou com o trigo, pois os missionários nem sempre estiveram do lado dos oprimidos, deploro-o e mais uma vez “peço humildemente perdão, não só pelas ofensas da própria Igreja, mas também pelos crimes contra os povos nativos durante a chamada conquista da América”[20] e pelos crimes atrozes que se seguiram ao longo de toda a história da Amazônia. Aos membros dos povos nativos, agradeço e digo novamente que, “com a vossa vida, sois um grito lançado à consciência (...). Vós sois memória viva da missão que Deus nos confiou a todos: cuidar da Casa Comum”.[21]

Sentido comunitário

20. A luta social implica capacidade de fraternidade, um espírito de comunhão humana. Então, sem diminuir a importância da liberdade pessoal, ressalta-se que os povos nativos da Amazônia possuem um forte sentido comunitário. Vivem assim “o trabalho, o descanso, os relacionamentos humanos, os ritos e as celebrações. Tudo é compartilhado, os espaços particulares – típicos da modernidade – são mínimos. A vida é um caminho comunitário onde as tarefas e as responsabilidades se dividem e compartilham em função do bem comum. Não há espaço para a ideia de indivíduo separado da comunidade ou de seu território”.[22] Estas relações humanas estão impregnadas pela natureza circundante, porque a sentem e percebem como uma realidade que integra a sua sociedade e cultura, como um prolongamento do seu corpo pessoal, familiar e de grupo:

“Aquele luzeiro se aproxima
revolteiam os beija-flores
mais do que a cascata troa
meu coração
com esses teus lábios re-
garei a terra
possa o vento jogar em
nós”.[23]

21. Isto multiplica o efeito desintegrador do desenraizamento que vivem os indígenas forçados a emigrar para

a cidade, procurando sobreviver, por vezes de forma não digna, no meio dos costumes urbanos mais individualistas e dum ambiente hostil. Como sanar um dano tão grave? Como reconstruir estas vidas desenraizadas? À vista desta realidade, é preciso valorizar e acompanhar todos os esforços que fazem muitos destes grupos para preservar os seus valores e estilo de vida e integrar-se nos contextos novos sem os perder, antes pelo contrário oferecendo-os como uma própria contribuição para o bem comum.

22. Cristo redimiu o ser humano inteiro e deseja recompor em cada um a sua capacidade de se relacionar com os outros. O Evangelho propõe a caridade divina que brota do Coração de Cristo e gera uma busca da justiça que é inseparavelmente um canto de fraternidade e solidariedade, um estímulo à cultura do encontro. A sabedoria do estilo de vida dos povos nativos – mesmo com todos os limites que possa ter – estimula-nos a aprofundar tal anseio. Por esta razão, os bispos do Equador solicitaram “um novo sistema social e cultural que privilegie as relações fraternas, num quadro de reconhecimento e valorização das diferentes culturas e dos ecossistemas, capaz de se opor

a todas as formas de discriminação e domínio entre os seres humanos”.[24]

INSTITUIÇÕES DEGRADADAS

23. Na Encíclica *Laudato si'*, lembramos que, “se tudo está relacionado, também o estado de saúde das instituições duma sociedade tem consequências no ambiente e na qualidade de vida humana (...). Dentro de cada um dos níveis sociais e entre eles, desenvolvem-se as instituições que regulam as relações humanas. Tudo o que as danifica comporta efeitos nocivos, como a perda da liberdade, a injustiça e a violência. Vários países são governados por um sistema institucional precário, à custa do sofrimento do povo”.[25]

24. Como estão as instituições da sociedade civil na Amazônia? O *Instrumentum laboris* do Sínodo, que reúne muitas contribuições de pessoas e grupos da Amazônia, refere-se a “uma cultura que envenena o Estado e suas instituições, permeando todos os estratos sociais, inclusive as comunidades indígenas. Trata-se de um verdadeiro flagelo moral; como resultado, perde-se a confiança nas instituições e em seus representantes, o que desacredita totalmente a política e as organizações so-

ciais. Os povos amazônicos não são alheios à corrupção e tornam-se suas principais vítimas”.[26]

25. Não podemos excluir que membros da Igreja tenham feito parte das redes de corrupção, por vezes chegando ao ponto de aceitar manter silêncio em troca de ajudas econômicas para as obras eclesiais. Por isso mesmo, chegaram ao Sínodo propostas que convidavam a “prestar uma atenção especial à procedência de doações ou outro tipo de benefícios, assim como aos investimentos realizados pelas instituições eclesiais ou pelos cristãos”.[27]

DIÁLOGO SOCIAL

26. A Amazônia deveria ser também um local de diálogo social, especialmente entre os diferentes povos nativos, para encontrar formas de comunhão e luta conjunta. Os demais, somos chamados a participar como “convidados”, procurando com o máximo respeito encontrar vias de encontro que enriqueçam a Amazônia. Mas, se queremos dialogar, devemos começar pelos últimos. Estes não são apenas um interlocutor que é preciso convencer, nem mais um que está sentado a uma mesa de iguais. Mas são os principais interlocutores, dos quais pri-

meiro devemos aprender, a quem temos de escutar por um dever de justiça e a quem devemos pedir autorização para poder apresentar as nossas propostas. A sua palavra, as suas esperanças, os seus receios deveriam ser a voz mais forte em qualquer mesa de diálogo sobre a Amazônia. E a grande questão é: Como imaginam eles o “bem viver” para si e seus descendentes?

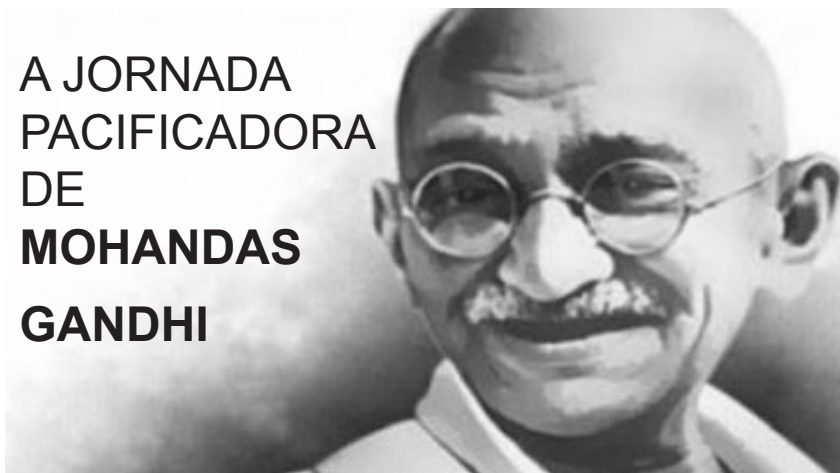
27. O diálogo não se deve limitar a privilegiar a opção preferencial pela defesa dos pobres, marginalizados e excluídos, mas há de também respeitá-los como protagonistas. Trata-se de reconhecer o outro e apreciá-lo “como outro”, com a sua sensibilidade, as suas opções mais íntimas, o seu modo de viver e trabalhar. Caso contrário, o resultado será, como sempre, “um projeto de poucos para poucos”,[28] quando não “um consenso de escritório ou uma paz efêmera para uma minoria feliz”.[29] Se tal acontecer, “é necessária uma voz profética”[30] e, como cristãos, somos chamados a fazê-la ouvir.

Daqui nasce o sonho sucessivo...

(continua na próxima edição)

MOHANDAS GANDHI (1869 – 1948)

A JORNADA PACIFICADORA DE MOHANDAS GANDHI



Mohandas Gandhi nasceu em 2 de outubro de 1869, no estado de Gujerat, no oeste da Índia. Em 1882, com apenas treze anos, casa-se com Kasturbai Makanji. É enviado posteriormente a Londres, para estudar Direito, tornando-se advogado em 1891. Vai para a África do Sul, onde inicia um trabalho incansável para melhoria dos direitos dos imigrantes indianos. Foi preso diversas vezes por causa dos protestos que liderou. Em 1915, volta à Índia, com a esposa e filhos, onde passa a liderar uma longa jornada pela independência do seu país do domínio inglês, baseada no princípio da resistência pacificadora contra a injustiça, denominado de “Satyagraha”, que significa “força

da verdade”. A sua crença inabalável na ação não-violenta e na irmandade universal fizeram de Gandhi um marco histórico referencial na luta pelos direitos civis na Índia e também inspirando outros ícones da jornada pacificadora, como Martin Luther King. Em 1947, a Índia finalmente proclama sua independência do domínio britânico. Entretanto, o país foi dividido entre a Índia hindu e o Paquistão muçulmano, o que entristeceu profundamente Gandhi, que passou os últimos meses de sua vida empenhado, por meio de longos jejuns, a acabar com a violência que se seguiu, motivada pela intolerância religiosa de hindus e muçulmanos. No dia 30 de janeiro de 1948, aos 79 anos de idade, Gandhi

foi assassinado por um extremista hindu, quando passeava em um jardim de Nova Dehli, antes de iniciar suas orações vespertinas.

A mensagem vida de Gandhi é baseada em dois princípios éticos fundamentais: **A vida dedicada à busca pela Verdade:**

"A verdade (satya) implica amor, a Firmeza (agraha) cria e portanto serve como sinônimo para a força. Comecei por isso a chamar o movimento indiano de satyagraha: ou seja, a força que nasce da verdade e do amor ou não-violência."

"O caminho da verdade é a verdadeira bhakti (devoção).

É o caminho que nos leva a Deus.

Só o respeito à verdade justifica nossa vida."

"Minha devoção à verdade empurrou-me para a política; e posso dizer, sem a mínima hesitação, mas também com toda a humildade, que não entendem nada de religião aqueles que afirmam que ela nada tem a ver com a política."

O amor devoto (Ahimsa)

"O Amor e a verdade estão tão unidos entre si que e praticamente impossível separá-los. São como duas faces da mesma medalha."

"O Amor é o meio, a verdade é o fim. Se usarmos o meio,

cedo ou tarde chegaremos ao fim, à verdade, a Deus."

"O ahimsa (amor) não é somente um estado negativo que consiste em não fazer o mal, mas também um estado positivo que consiste em amar, em fazer o bem a todos, inclusive a quem faz o mal."

"Ahimsa é o atributo da alma e por isso deve ser praticado por todos, em todos os momentos da vida. Se não pode ser praticado em todas as áreas da vida, então não tem qualquer valor prático."

"A não-violência é a maior força a serviço da humanidade. É mais poderosa que a mais poderosa arma de destruição concebida pela inteligência humana."

"Temos de fazer com que a verdade e não-violência não sejam apenas coisas para a mera prática individual, mas para a prática de grupos, comunidades e nações. Esse pelo menos é o meu sonho. Minha fé me ajuda a descobrir novas verdades a cada dia que passa."

Algumas considerações sobre a jornada pacificadora de Gandhi:

- Ser pacificador é uma atitude que visa uma reação ao ódio, movida pelo profundo amor a tudo que vive, e sobretudo a quem age alimentado pelo ódio e pela intolerância;

- Ser pacífico é aceitar a ação violenta e conformar-se com ela, constituindo uma atitude passiva, não alterando a energia destrutiva do ódio;

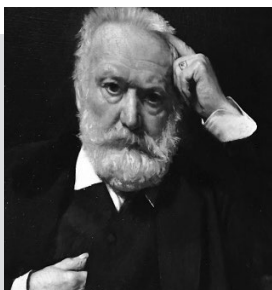
- A fé é uma experiência viva, que precisa ser convertida em ação;

- O Sermão da Montanha constitui a "alma de toda religião", pela atuação da "pobreza em espírito", "pureza do coração", "ser pacificador", "manso", "misericordioso", "sofrer perseguição pela justiça";

- "As religiões, fundamentalmente, não são mais que as diversas encarnações da única verdade. Existe uma só árvore, mas com muitos ramos."

Mensagens finais...

"O verdadeiro amor é sincero e desinteressado. Não tenho medo de ser, por isso, minoria. O trabalho mais eficaz sempre foi feito por minorias."



"(...) transformar a dor que olha uma sepultura na dor que olha uma estrela."

Victor Hugo: "Os Miseráveis", p. 57.

"Tudo que vive é o teu próximo."

"Minha ambição é tão alta que por ela vale a pena viver e vale a pena morrer."

"Se um único ser humano chega á plenitude do amor, neutraliza o ódio de milhões."

"A minha vida é um Todo indivisível, e todos os meus atos convergem uns nos outros; e todos eles nascem do insaciável amor que tenho para com toda a humanidade."

Que as palavras e a vida de Gandhi nos inspirem a sermos instrumentos de um mundo pacificador e construtor de gestos de amorosidade e acolhimento a todos e a todas, habitantes de uma mesma Casa, o nosso planeta Terra.

Gratidão!

Namastê!

Jorge Leão é Professor de Filosofia do IFMA e membro do MFC, em São Luís / MA.

Frases para reflexão:

A flor e a náusea

*Preso à minha classe e a algumas roupas,
vou de branco pela rua cinzenta.*

Melancolias, mercadorias espreitam-me.

Devo seguir até o enjoo?

Posso, sem armas, revoltar-me?

(...)

Em vão me tento explicar, os muros são surdos.

Sob a pele das palavras há cifras e códigos.

O sol consola os doentes e não os renova.

As coisas. Que tristes são as coisas, consideradas sem ênfase.

(...)

Uma flor nasceu na rua!

Passem de longe, bondes, ônibus, rio de aço do tráfego.

Uma flor ainda desbotada

ilude a polícia, rompe o asfalto.

Façam completo silêncio, paralisem os negócios,

garanto que uma flor nasceu.

Sua cor não se percebe.

Suas pétalas não se abrem.

Seu nome não está nos livros.

É feia. Mas é realmente uma flor.

*Sento-me no chão da capital do país às cinco horas da tarde
e lentamente passo a mão nessa forma insegura.*

Do lado das montanhas, nuvens maciças avolumam-se.

Pequenos pontos brancos movem-se no mar, galinhas em pânico.

É feia. Mas é uma flor. Furou o asfalto, o tédio, o nojo e o ódio.

Carlos Drummond de Andrade: in A Rosa do Povo (1945)



A tentação da indiferença...



O Papa Francisco, em seu livro “O Amor é contagioso” (p. 71), utiliza uma expressão para ilustrar o atual momento vivido na sociedade contemporânea. Tal assertiva, denominada por ele de “tentação da indiferença”, traz consigo vários sinais para fundamentar o grau de perplexidade vivida por um processo crescente de desumanização em nosso percurso histórico mais recente.

Segundo Francisco, a “mentalidade do descartável, o individualismo generalizado, o egocentrismo e o consumismo materialista” (p. 77) são os sinais de que vivemos em tempos cuja marca é a indiferença. Somos indiferentes à realidade, sobretudo quando esta nega nosso comodismo e verdades pré-estabelecidas.

Sair de nosso lugar comum, que nos leva à indiferença, é algo primordial em uma situação de indiferença globalizada. O desafio lançado pelo Papa Francisco reflete em nosso modo de sentir, pensar e agir, a fim de alterar esta situação. A dor do mundo deve ser a dor de todos nós.

No Evangelho, a parábola do Bom Samaritano (Cf. Lucas 10, 25 – 37) representa a síntese da ética cristã. Nesse trecho, há elementos essenciais para vencer a tentação da indiferença. O primeiro é sair de nossa zona de conforto e ir ao encontro do outro que sofre. É questão de escolha. O servir jamais pode ser algo obrigatório, ou de caráter recompensador. A atitude samaritana implica, pois, em assumir uma passagem radical de travessia da indiferença

ao compromisso de mudança diante da condição de exclusão do outro que sofre.

O segundo aspecto diz respeito a deixar de lado o caminho das obrigações imediatas e dar prioridade ao que não pode ser adiado. Quantas vezes colocamos em primeiro plano as tarefas e exigências do mundo e esquecemos a necessidade advinda da dor dos que não têm voz nem vez.

Por isso, para vencer a tentação da indiferença, faz-se necessária uma atitude samaritana. Como o próprio Francisco assinala, a sociedade precisa encarnar essa atitude, caso contrário, a globalização da indiferença será cada dia mais uma realidade.

Se eu compreendo o meu papel como cidadão do mundo, e luto por uma sociedade mais justa e com reais oportunidades para todos e todas, necessariamente me contraponho à lógica do descartável, em que o outro é apenas ob-

jeto de uso e descarte. Assim também minhas ações serão diametralmente opostas ao individualismo e egocentrismo que caracterizam os tempos atuais. Nesse sentido, estaremos dando uma clara resposta ao consumismo materialista que nos impõe um modo de ser destrutivo e alienante.

Diante de desafios globais, precisamos de ações estratégicas com planejamento e métodos que contemplem outro modo de habitar o mundo. Que a nossa convivência diária seja reflexo de atitudes pautadas na justiça, na cooperação e no cuidado com a vida em suas múltiplas formas de ser. Que a nossa inspiração venha da decisão corajosa de fazer da vida uma amorosa jornada samaritana, condição sem a qual jamais venceremos a "tentação da indiferença".

Jorge Leão

Professor de Filosofia do
IFMA e membro do MFC,
em São Luís / MA.

Frases para reflexão:



“Não faças aos outros aquilo que, se a ti fosse feito, causar-te-ia dor.”

Hinduísmo



*Trago uma esperança nova.
Tão nova como a primeira
luz que marca o amanhecer
da vida de cada homem.*

*Trago a sabedoria
das cores que dançam no ar,
mas que se reúnem,
cada qual no seu lugar,
quando é preciso fazer um
arco-íris.*

*Trago a lição interminável
que dois amantes ensinam
quando se abraçam luminosos
para inventar o amor.*

*Trago o milagre da vida
que lateja neste instante
no coração de uma criança
que acaba de nascer.
Chego no rastro de um pássaro
que atravessa a luz atlântica
com sua terceira asa
Feita de canto e poesia,
que rasga no tempo o rumo
estrelado da utopia.*

*O pássaro chega entregando
com seu poder de canção
a certeza de um futuro
que está começando agora
na aurora da tua frente,
na palma da tua mão.*

Thiago de Mello, in: De Uma Vez Por Todas, p. 165-166.



Alimentação simples e intuitiva

Primero trimestre do ano e estamos correndo para realizar as promessas de ano novo, ou então esperando chegar a segunda-feira ou aquela circunstância favorável em que tudo será possível.... O que se percebe nas conversas em ambientes de prática de exercícios físicos ou até mesmo na conversa de almoço em família, é aquela associação entre culpa e alimentação, e como é uma tortura fazer dietas, já está no imaginário popular. Mas venho trazer uma boa nova: é possível ter um estilo de vida saudável e ter prazer em fazê-lo.

Temos o costume de tratar a alimentação saudável como uma questão de tudo ou nada: "Ou eu como tudo orgânico ou me rendo aos industrializados..."; "Hoje vou comer só fastfood, amanhã faço um detox". Sempre imaginamos a ali-

mentação saudável como uma estrada reta em um dia ensolarado. Mas, na verdade, ela está mais para uma estrada em construção, cheia de curvas, com algumas tempestades no caminho. Segundo Hipócrates, "somos o que comemos", concordo com ele e ousa ir além: somos o que comemos, o que pensamos, o que fazemos...

Segundo alguns especialistas, são necessários vinte e um dias para criar um hábito, já a pesquisa da University College de Londres aponta que são necessários sessenta e seis dias para quebrar ou formar novos hábitos ao longo prazo. Todavia, este número é uma média e varia de indivíduo para indivíduo, dependendo também do nível de dificuldade para inseri-lo no contexto de vida de cada pessoa, entre outros fatores. Mas um consenso é claro, é preci-

so incorporar ao cotidiano a mudança que desejamos.

As práticas alimentares abrangem diversos aspectos que transcendem a ingestão de nutrientes, entrelaçando-se com aspectos sociais, culturais, ambientais e psicológicos. Você não precisa mudar da água para o vinho (só se você quiser e puder), mas pode fazer pequenas revoluções no seu cotidiano.

Segundo o Ministério da Saúde (2014), alimentos in natura ou minimamente processados, em grande variedade e predominantemente de origem vegetal, são a base de uma alimentação nutricionalmente balanceada, saborosa, culturalmente apropriada e promotora de um sistema alimentar socialmente justo e ambientalmente sustentável. Quanto mais colorida e diversificada a alimentação, mais rica em antioxidantes, potencializadora do sistema imune, protetora e preventiva de Doenças Crônicas não Transmissíveis.

Entre as principais recomendações na busca por um estilo de vida saudável, estão a de utilizar óleos, gorduras, sal e açúcar em pequenas quantidades ao temperar e cozinhar alimentos, usando sua criatividade para diversificar sabores, utilizando especiarias como açafrão, alho, cebola, orégano, cominho, coentro,

urucum, pimentão vermelho e outros. Além de também diminuir o uso de alimentos processados e evitar ultraprocessados, consumindo-os, em pequenas quantidades, como ingredientes de preparações culinárias ou como parte de refeições baseadas em alimentos in natura ou minimamente processados. Em relação aos alimentos processados, suas formas de produção, distribuição, comercialização e consumo impactam de modo desfavorável a cultura, a vida social e o meio ambiente.

Não deixe de fazer uma pequena mudança por não considerá-la grande o suficiente. Busque sua autonomia alimentar, alimente o seu corpo com mais cores e vida, tornando sua prática alimentar mais simples, consciente e ecologicamente sustentável.

*Tatiana Silva dos Santos.
Formada em Nutrição
pela Universidade Federal
do Maranhão.*

REFERÊNCIAS

Brasil. Ministério da Saúde. Guia alimentar para a população brasileira. 2 ed. Brasília: 2014.

Lally, P.; van Jaarsveld, C.H.M.; Pott, H.W.W.; Wardle, J. How are habits formed: modelling habit formation in the real world. *European Journal of Social Psychology*. 2010.

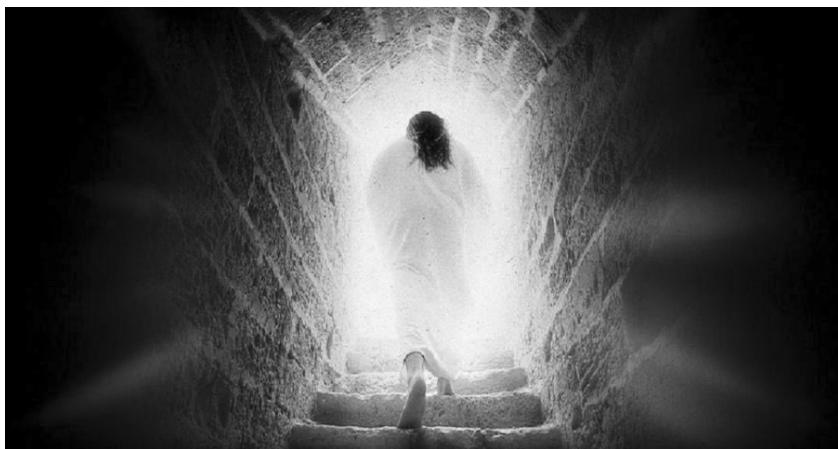


Aos que vão nascer

*Que tempos são esses, em que
Falar de árvores é quase um crime
Pois implica silenciar sobre tantas barbaridades?
Aquele que atravessa a rua tranquilo
Não está mais ao alcance de seus amigos
Necessitados?
(...)
As pessoas me dizem: Coma e beba! Alegre-se por quem tem!
Mas como posso comer e beber, se
Tiro o que como ao que tem fome
E meu copo d'água falta ao que tem sede?
E no entanto eu como e bebo.
(...)
Entretanto sabemos:
Também o ódio à baixeza
Deforma as feições.
Também a ira pela injustiça
Torna a voz rouca. Ah, e nós
Que queríamos preparar o chão para o amor
Não pudemos nós mesmos ser amigos.*

*Mas vocês, quando chegar o momento
Do homem ser parceiro do homem
Pensem em nós
Com simpatia.*

Bertolt Brecht (1938)



Crise e Ressurreição

O momento nos impõe a necessidade de meditar sobre o sentido da existência. É por isso que tem um valor universal que ultrapassa os limites da religiosidade cristã. É o sentido da renascença, da ressurreição.

O ser humano, quando gasta seu capital energético, envelhece e morre. Segundo estudos científicos, por leis entrópicas. Tudo um dia vai desaparecer.

O Cristianismo nos oferece uma importante contribuição para a caminhada humana no planeta. A dialética vida-morte-ressurreição é presente em todos os momentos da nossa trajetória. A materialidade humana tem uma saudável dimensão sagrada, somos seres em constante forma-

ção, em processo continuado de humanização, somos feitos de acertos, erros, ensaios, vitórias, derrotas. A vida tem valor e nós temos que nos valorizar diante da vida! Ou seja, a vida é sopro Supremo. É o maior patrimônio que se recebe. Ela é necessariamente produção conjunta, social. Nós somos o resultado da relação com outras tantas pessoas.

Para muitos a morte é a negação da vida. O maior pecado do mundo atual é a produção em série de egoísmo, de desonestidade e tudo que de mal é produzido.

Os tempos globais de neoliberalismo movem-se pelo individualismo e pela concorrência desenfreada do "ter" mais. A solidariedade não tem vez. Daí perguntar-se:

não seria este um dos sintomas do esgotamento do atual sistema social? Seria uma crise conjuntural ou seria estrutural que prepara o desenlace final?

A palavra “crise” tem a dupla perspectiva de morte e vida. Todo processo de purificação implica morte e renascimento. Tudo que passa pela crise permanece e tem essências que fundam um novo futuro.

Por isso tenho fé e crença na crise, na ressurrei-

ção Pascal, na passagem da morte para a vida, na certeza da existência divina que insiste em ser teimosa, no sentido revolucionário que tem o amor. Nas possibilidades transcendentais da humanidade de construir um mundo novo.

*Reinaldo José Teixeira
Gonçalves - In memoriam*

*(Texto extraído do livro
“Sonhos Verdes - Poemas
e Crônicas”. Macapá / AP:
2013, p. 257-258.)*

Frases para reflexão:

FIÓDOR DOSTOIÉVSKI

***“(...) se amas, já estás com Deus...
O amor tudo redime, tudo salva.”***

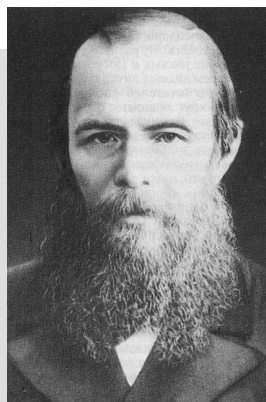
“Os Irmãos Karamázovi”, p. 68.

***“Esforça-se para amar o seu próximo
com um ardor incessante.”***

“Os Irmãos Karamázovi”, p. 72.

“Nunca tema seu próprio temor na busca do amor.”

“Os Irmãos Karamázovi”, p. 74.





Mãos dadas

Não serei o poeta de um mundo caduco.

Também não cantarei o mundo futuro.

Estou preso à vida e olho meus companheiros.

Estão taciturnos mas nutrem grandes esperanças.

Entre eles, considero a enorme realidade.

O presente é tão grande, não nos afastemos.

Não nos afastemos muito, vamos de mãos dadas.

(...)

O tempo é a minha matéria, o tempo presente, os homens presentes, a vida presente.

Carlos Drummond de Andrade, in: Sentimento de Mundo (1940)

“O maior legado que podemos deixar para a humanidade é semear, dia após dia, gestos concretos de amor.”

Daniel Beltshazar





Um texto que nunca escrevi

Hoje acordei bem cedo. Às 6 da manhã. Não sei a razão, mas apesar de não ser o horário em que acordo normalmente, estava eu lá, acordado.

Deu-me uma vontade danada de ir ao computador, escrever algo. Um texto sobre um assunto interessante, estimulante, motivador. Capaz de provocar o leitor ou apenas fazê-lo refletir.

Talvez sobre algo que pairasse ali, ao instante, perdido em meio às camadas de sutil inconsciência de um dia recém-começado.

Como de costume, liguei o laptop, coloquei-o sobre a mesa de trabalho e abri a janela do escritório, a fim de

deixar entrar por ela os primeiros raios de sol do que parecia vir a ser uma bela manhã de domingo.

Sobre os telhados da casa à frente dois pombos cinzentos passeavam impunemente.

Enquanto isso, lá embaixo, no jardim, um filhotinho de gato buscava em vão alcançar a lagartixa que antes caçava um inseto sob as folhas de um arbusto.

Do outro lado do gramado, um cão de guarda, sentado como uma estátua, admirava a cena sem esboçar reação.

No apartamento ao lado, a menininha chorava e pedia a sua avó que lhe desse logo o mingau.

A casa silenciosa era o convite perfeito ao fluir das ideias. Melhor cenário, impossível.

Afinal, estava eu lá, sentado, confortável, consciência plena, em busca de um rele assunto.

Voltando a mim, e ao texto que dali a pouco estava certo que escreveria, lembrei-me de que escritores que se prezam desenvolvem métodos que lhes permitem abordar qualquer assunto a partir de várias perspectivas.

Alguns chegam a divulgar suas técnicas em obras nas quais as expõem quase como se fossem receitas de bolo. Fazes isto e aquilo, vens aqui e vais ali, pões isto, retiras aquilo, pá e pum e já está.

Outros são concisos, objetivos. Secos e cristalinos. Escrevem sem volteios. Lançam todas as suas setas no centro do alvo.

Há os que visam somente a emoção. Capturam o leitor pelo impacto da narrativa, as peripécias de estilo e um final acachapante, com direito a moral da história.

Há ainda os que adotam um tom sábio. Veem tudo, sabem tudo, desnudam os personagens e desatam a narrativa com maestria digna de prêmio Nobel.

Certa vez disse Clarice Lispector: "Eu queria escrever um livro. Mas onde estão as palavras? Esgotaram-se os significados."

Ciente que quase a metade da manhã evaporara desde que ali me abanquei, dei-me conta da ótima noite de sono que tivera. Não podia reclamar, era verdade.

Afora um sonho besta sobre afogar-me no meio do oceano e nadar em direção a uma ilha para me salvar das ondas bravias, tive um descanso praticamente santificado.

Ainda assim, a vontade que me assaltara logo cedo parecia não vingar. E a cada duas ou três linhas, pensando nisto e naquilo outro, tome escrever e apagar coisas sem sentido.

Três horas e meia depois de alguns períodos curtos e muitos lamentos, era esquelético o resultado do que escrevera. A peça produzida não refletia a minha alma, a cidade, o dia, um fato, um caso ou acaso digno de que alguém lesse.

Aquele jogo de empurra com as palavras. Pensar, planejar, ruminar e escrever. Redigir, digitar. Vira e volta. Revolta.

Pausa para escovar os dentes, banho, café, suco, pas-

sada de olhos nas notícias de um site jornalístico, as fofocas da manhã na tv, etc.

Os empregados do condomínio todos em ação. Cães a passear com seus donos. Crianças brincando com seus pais. Carros saindo e chegando. Portas que abrem e fecham. Gente que cozinha e gente que cochila ainda.

Volto à mesa angustiado. Vejo a escrita inacabada.

Revigoro as forças olhando pela janela. Vou até a sacada.

Olho os jovens que jogam bola no campinho aqui ao lado. As pessoas que caminham para os ginásios. Grupos de jovens que vão para os colégios. Bicicletas que carregam botijões de água. Motos e entregadores de comida. Alguém no andar de baixo ouve música mais alto que o normal. Os gatos rolam sobre a grama do jardim, aos pulos, uns sobre os outros, como se o tempo não valesse nada.

Torço, retorço, insisto. Mais um pouco, mais um pouco... Mais isto e aquilo e aquilo e aquilo... Quase lá... Está bom! Não! Não está! Esta palavra calha melhor, aquela não. Fica assim, está bonito. É sonora esta passagem. Emociona. Eu sinto, eu sinto... Eu sinto nascer de mim. Pronto! Pronto!

Chego ao final do texto um tanto decepcionado, devo confessar.

Afinal, mesmo após uns bons parágrafos criados e deletados, não consegui escrever sobre o tal tema interessante que buscava no início, quando a manhã apenas sorria.

Aliás, dou-me conta de que não havia texto.

Em verdade, em verdade vos digo: não havia assunto. Nunca houve, em nenhum momento.

Não houve título, tema, história, enredo, acontecimento nenhum. Nada. Nada. Nada.

Só houve vontade. O dolo, a intenção, a pulsão de escrever, escrever, escrever... e sentir.

Compreendo agora porque há gente que escreve coisas que prendem a nossa atenção com todo tipo de conteúdo. Tolices. Baboseiras sem forma e sem fundo.

Alguns até fazem bem. E o resultado é como um bolo bonito, daqueles que hoje postamos fotos no Instagram. Aquela cobertura maravilhosa, mas o recheio... insípido.

Outros fazem mágica. Chegam a tirar grandes coelhos de cartolas imaginárias.

Contudo, notem, mesmo a breve falta de inspiração serviu-me. Percebem?

Chegado a esta altura, após digitar, deletar, digitar e empacar, fazer e refazer, atrás de um tema, buscando o assunto, tenho a crônica aqui esculpida. Deitada em esplêndido berço, armado sobre o nada inequívoco de quando não se tem o que dizer.

Aliás, a propósito, o grande mestre Carlos Drummond de Andrade já dizia que os cronistas escrevem sobre qualquer coisa. Sobre coisas deste mundo ou de qualquer outro possível. E arrematava, afirmando que o cronista, com ou sem assunto, sempre comete as suas crônicas.

Enfim, eis aqui, viva e clara, para quem quiser ler, minha crônica sobre um texto sem assunto.

Sobre o qual nem imaginei ser possível.

Um texto sobre mim, sobre o sentir. Um texto qualquer. Um texto sobre nada. Um texto que nunca escrevi.

Ou escrevi?

**Rogério Henrique Castro Rocha é escritor, poeta, palestrante, bacharel em Direito e licenciado em Filosofia, ambos pela UFMA, servidor público do Poder Judiciário do Estado do Maranhão, Mestre em Criminologia pela Universidade Fernando Pessoa (Portugal) e membro fundador dos projetos filosófico-literários INICIATIVA EIDOS e DUO LITERA.*

Frases para reflexão:



“Livre é todo aquele que compreende a necessidade de contribuir em favor do bem geral, que se esforça pela vivência solidária (...). Tudo quanto antes aspirava apenas para si, agora se transforma num esforço comum em benefício de todos.”

Divaldo Franco / Joanna de Ângelis:
“Segue em Harmonia”, P. 145.

Mão de criança

*Tudo o que me leva o livro
cabe na palma da mão
de uma criança: o lugar
de onde se erguem os pássaros
da inocência, em cujo canto
vai a verdade da vida.*



Thiago de Mello, in: De Uma Vez Por Todas, p. 55.

Cada família do MFC

1 ASSINATURA POR ANO:

Este é um compromisso do MFC com a conscientização e evangelização das famílias. ASSINE E DÊ DE PRESENTE, CADA ANO.

fato e razão



Assinatura anual: R\$ 34,00



Envie o nome e endereço de um filho, amigo ou parente, compadre, afilhado, colega, vizinho, aluno, freguês...



Faça um cheque nominal, cruzado ao MFC ou



Efetue depósito na conta 27249-3, agência 3139-9 - Banco do Brasil;



Envie os dados pelo E-mail da Revista ou pelo **Whatsapp (32) 98702-1600**



E-mail: livraria.mfc@gmail.com

Tel: (32) 3235-8286, de 13:00 às 18:00

**Distribuidora Fato e Razão - Rua Barão de Santa Helena, 68
JUIZ DE FORA/MG - CEP 36010-520**



*Se as coisas são inatingíveis... ora!
Não é motivo para não querê-las...
Que tristes os caminhos, se não fora
A presença distante das estrelas!*

Mário Quintana, Antologia Poética, p. 49

Frases para reflexão:



*“Somente após a última árvore
ser cortada. Somente após o último
rio ser envenado. Somente após o
último peixe ser pescado. Somente
então o homem descobrirá que di-
nheiro não pode ser comido.”*

Provérbio Cree (povo indígena da América do Norte;
hoje constitui o maior grupo indígena do Canadá, com
mais de 200 mil membros).

Nossa caminhada no MFC



Marly e José Maurício Guedes

Ao iniciarmos este texto gostaríamos de lançar um desafio para que outros companheiros do Movimento também ocupem este espaço contando episódios marcantes de suas caminhadas para ajudar a escrever, de uma certa forma, a história do MFC no Brasil.

Quando utilizar a forma pessoal no texto é porque minha esposa não participou do episódio ou porque se tratava de uma proposta de minha exclusiva responsabilidade.

Nós entramos para o Movimento na pequena cidade de São João Nepomuceno para onde fui transferido em 1965 por meu empregador, o Banco do Brasil.

Naquela cidade participamos ativamente de uma equipe base composta por 5 casais e realizamos diversos Encontros de Jovens e de Preparação para o Casamento.

Recebemos ali ilustres palestristas, dos quais infelizmente não nos acode a memória. De um deles guardamos uma atitude exemplar. Em virtude de um comparecimento pequeno de interessados cogitávamos de cancelar o evento, sendo por ele admoestados de que deveríamos manter a programação para valorizar as presenças.

Em 1973 fui transferido para Brasília. Lá chegando procuramos nos integrar no Movimento, mas por uma

razão de distância não conseguimos e logo em seguida fomos convidados a participar de um Encontro de Casais com Cristo nos integrando logo na organização de encontros.

Em 1979, transferido para Juiz de Fora fomos convidados a participar de um Encontro Conjugal do MFC do qual emergiu nossa primeira equipe-base composta por 5 casais.

Pouco tempo depois viríamos a assumir a Coordenação da Cidade.

Devido a aborrecimentos e contrariedades ficamos uns tempos afastados e quando voltamos passamos a compor um nova equipe-base junto à qual nos encontramos até os dias de hoje.

Em 1995 fomos convidados por Rita e Luiz Carlos para compor a Coordenação Estadual de Minas Gerais no cargo de Vice-Coordenadores e iniciamos uma série de viagens, pelo extenso território de nosso Estado. Durante o mandato chegamos a fazer viagens de até 1.000 quilômetros. Naquele mesmo ano nos inscrevemos para participar de nosso primeiro ENA que aconteceu em Maceió.

Eu costumo dizer que entramos para o Movimento em

1965, mas que o Movimento entrou em mim somente a partir de 1995.

Durante nosso mandato na Coordenação Estadual, um dos Conselhos Estaduais mais marcantes ocorreu na simpática cidade de Resende Costa com o tema "Mefecista: Envolvido ou Comprometido", um verdadeiro mini-ENA. O casal que nos acolheu – pais dos Coordenadores da Cidade – disseram que o filho havia lhes dito que assumira o "abacaxi" de realizar o encontro, mas que eles consideravam estarem recebendo uma verdadeira benção.

Em 1998, sendo parte de um grupo de pouco mais de 50 pessoas, nos atrevemos a realizar o Io. ENA em uma cidade fora de capitais. E nosso ENA, modéstia à parte, foi inesquecível.

Naquele ENA fomos eleitos Vice-Coordenadores Regionais acumulando, como de praxe, a função de Vice-Coordenadores Nacionais, coadjuvando Rita e Luiz Carlos. Assumi também, naquela oportunidade, a função de Tesoureiro Nacional, função essa em que viria a permanecer no mandato posterior de Sebá Leão.

Em 2000 fomos a Porto Seguro para participar da Missa dos 500 anos do Brasil, representando o MFC e

aproveitamos para nos reunir com nossos irmãos de Santa Cruz de Cabráia, de Eunápolis, Itamaraju e Teixeira de Freitas.

Nossa participação na gestão foi intensa e serviu como um grande aprendizado.

Em 2001, Juntamente com um grupo de mefecistas assumimos a direção da Associação Lar e Amparo Feminino – ALAF, com o objetivo de dotar o MFC de uma sede e instalar o INFA-JF. Posteriormente viríamos a instalar ali também a Livraria do MFC.

Em 2007 fomos convidados por Marisa e Galdino para integrar o colegiado estadual nas funções de Vice-Coordenadores e de Secretário de Finanças. Decisão importante do colegiado foi a de criar os Fundos de incentivo à participação nos Conselhos Estaduais e nos ENAs, com parte dos recursos recebidos das cidades.

Em 2008, assumi, juntamente com alguns companheiros, a administração da Livraria do MFC e a Coordenação da edição, impressão e distribuição da Revista, atividades em que permanecemos até hoje.

Em 2010 fomos reconduzidos para as funções de Vice-Coordenadores e Tesoureiro de Minas Gerais e o colegia-

do, a nosso pedido, introduziu a prática de fornecer um exemplar de Fato & Razão para cada equipe-base, considerando se tratar de uma medida essencial para assegurar a unidade na formação do Movimento. Essa mesma medida tentamos introduzir a nível nacional quando voltamos a participar da Coordenação Regional e Nacional em 2013, mas INFELIZMENTE NÃO LOGRAMOS EXITO.

Em 2012 assumimos, com um grupo de mefecistas, a direção do antigo Círculo Operário, objetivando a construção de uma sede própria em que disporíamos, em parceria, de um salão e de salas para atividades diversas.

Quando voltamos a participar da Coordenação Nacional no mandato 2013-2016, propusemos uma mudança na estrutura da administração com o objetivo de reaproximar a Coordenação Nacional das bases, afastamento que entendíamos como causa da diversidade de objetivos entre as regiões e que passou a ocorrer, a nosso ver, quando foi adotada a estrutura então em vigor. Felizmente, mesmo sem a alteração da estrutura, a atual Coordenação Nacional vem praticando, com bons resultados, essa reaproximação.

No mandato acima tivemos ainda a oportunidade de coor-

denar o Secretariado Nacional de Formação e implementar uma distribuição da revista para as equipes-base com o apoio das Coordenações de Cidades. Uma das medidas que mais nos entusiasma foi a adotada pela Coordenação da Grande Vitória no Espírito Santo ao incluir na contribuição de cada membro um valor que permitisse o fornecimento de uma revista para cada casal. Esse exemplo, a nosso ver, deveria ser seguido por todas as cidades.

Em 2015 tive a felicidade de participar e incentivar o 1º. Festival de Arte e Cultura do MFC. Infelizmente não pude participar do 2º., mas no 3º, não pretendo faltar.

Atuei também como Secretário da Equipe de Metodologia e Conteúdo dos ENAs de Vila Velha e de Maringá e tive a felicidade de participar

do 1º. e do 2º. SIN, louvável atividade que merece ser preservada

Já disse anteriormente e volto a insistir, só veste a camisa do Movimento quem se dispõe a viajar e conhecer a grandeza do nosso MFC em todo o Brasil.

E repetindo nosso repto para que ajudem a escrever a história do Movimento, pedimos também às Coordenações de Cidades que encontrem meios de fazer com que cada equipe receba um exemplar da revista.

Durante nossa caminhada fizemos muitos amigos em todo o Brasil, amizades que preservamos e temos mantido, mesmo depois de deixar as importantes missões que nos foram confiadas, alguns já se foram mas deixaram suas marcas em nós.

Frases para reflexão:

***“Se todos dermos as mãos,
quem irá sacar as armas?”***

Bob Marley (1945 - 1981)





e crise civilizatória

Vida em Comunhão, segundo a ecologia integral, abrange todas as dimensões das relações do ser humano na Casa Comum, ou seja, ambientais, sociais, econômicas, culturais e políticas no dia a dia de nossa existência.

Assim, pois, a própria Igreja, à luz da ecologia integral, deve passar por profundo questionamento e conversão sobre o modo de viver, testemunhar, celebrar, anunciar e servir o Evangelho da Vida em Comunhão. Com uma nova ecoclesiologia, todas as relações na Igreja, congeladas ou/e bloqueadas por leis e rubricas, devem ser avaliadas e transformadas para que, em todos os níveis, sem subserviência ou independência, a Igreja seja regida pelo princípio da autonomia em comu-

nhão, inserida na rede de solidariedade da Casa Comum.

Em Cristo não há mais sagrado e profano, judeu ou pagão, grego ou romano, homem e mulher; sendo Deus louvado não somente em Sião ou no Monte Garizim, segundo nossas tradições e reduções, mas no Espírito que sopra em todo lugar, superando dicotomias, barreiras, preconceitos e esquizofrenias.

Não fechemos o coração, pois a crise é tempo de graça que nos liberta do clericalismo, ou seja, do ministério transformado em poder e até em tirania sobre o Povo de Deus submetido aos nossos humores e caprichos. O pastoreio da Igreja deve ser confiado a pessoas comprovadamente eminentes na Fé e excelentes na Caridade.

Sejamos de fato Igreja em saída, como na manhã de Pentecostes, rumo aos porões e às periferias existenciais ou geográficas, onde o ser humano subsistindo aviltado e esmagado, a Mãe Terra chora e geme pela degradação ecocídica.

No contexto atual, em que a nação brasileira se encontra dominada pelo ódio e pelo atraso (cf. Jeremias 14, 18; Amós 6, 1-7; 8, 4-8.11-13), como não recordar o franciscano Paulo Evaristo Arns, saudoso Arcebispo Profeta de São Paulo e mártir da Cúria Romana, baluarte da democracia brasileira e promotor da colegialidade e da sinodalidade na vida e na missão da Igreja. Incentivado pelo Papa Paulo VI, sonhou e abriu caminhos para a presença e missão da Igreja na megalópole sem esquartejá-la, dividindo-a por ruas e riachos, mas articulada em regime de Autonomia em Comunhão, priorizando a cidadania do povo das periferias geográficas e existenciais. Sonho convertido em anos de trabalho

sério, ignorado e descartado pela Cúria Romana. Até a sua morte, como Maria, em silêncio guardava tudo no coração. Não apenas para a Amazônia, urgente um Sínodo para as metrópoles e megalópoles.

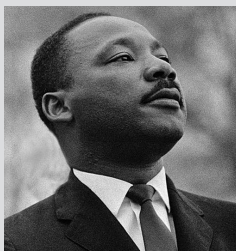
Em sintonia com o Sínodo para a Amazônia, no cuidado com a Casa Comum, sejamos atentos à exortação do Papa Francisco: “a extinção de uma cultura é tão ou mais grave do que a extinção de uma espécie” (Laudato Si, 145).

Caminhemos de esperança em esperança, em comunhão com tudo o que existe e vive nesta Casa Comum, de forma solidária e participativa, como pitada de sal e fermento na massa, pois “tudo o que é bom é nosso, nós somos de Cristo, Cristo é de Deus e Deus será tudo em todos” (cf. I Coríntios 3, 22-23; 15, 20-29). Vem, Senhor Jesus! Ap22,20.

Dom Mauro Morelli

*Bispo emérito e fundador da
Diocese de Duque de Caxias*

Frases para reflexão:



“Nós não estaremos satisfeitos até que a justiça role abaixo como as águas e a retidão como uma poderosa correnteza.”

Martin Luther King Jr., na marcha sobre Washington, em 28 de agosto de 1963.

SOBRE A PÁSCOA



*A Páscoa é o renascimento,
a Páscoa é ressurreição
de um bom homem que mostrou
qual a melhor direção
enfrentando a caminhada
segurando a sua mão.*

*E é nessa caminhada
que a gente deve lembrar
o que nos foi ensinado
e começar a praticar.
Você vai compreender
que tem a força, o poder
e o dom de ressuscitar.*

*Ressuscitar o amor,
a paz e a união.
Ressuscitar a bondade,
a justiça, a compaixão,
a caridade, a esperança,
e onde existir vingança,
ressuscitar o perdão.*

*Fazer renascer o bem
nesse mundo tão cruel,
na Páscoa e no ano inteiro,
é esse o nosso papel,
e também a grande essência.
Quem tem essa consciência
consegue tocar o céu.*

Bráulio Bessa, in: Um carinho na Alma, p. 84-85.

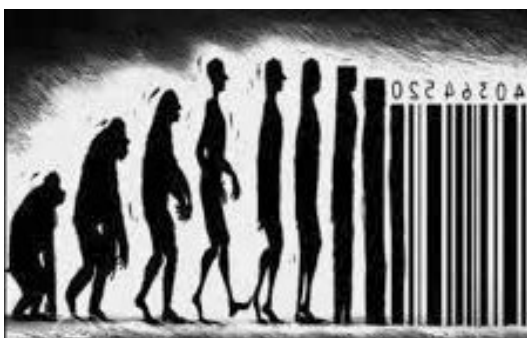


Fonte: <https://outraspalavras.net/pos-capitalismo/cuidar-da-casa-comum-evitar-o-desastre-anunciado/>

UNIDOS PELA CASA COMUM A LIBERDADE HUMANA NÃO TEM LIMITES

Para o Bem ou para o Mal, nós a temos. Esperançosos somos que o Bem seja a maioria. O planeta está sendo destruído. Nossa irmã e mãe Terra, como chamava São Francisco de Assis, “clama contra o mal que lhe provocamos por causa do uso irresponsável e do abuso dos bens

que Deus nela colocou”. Esquecemos que somos parte deste planeta, constituídos dos mesmos elementos que o compõe: ar, água, sais minerais, substâncias orgânicas, energia. Mas, fomos avisados, pela própria Igreja e por cientistas, indivíduos, associações



Fonte: www.youtube.com/watch?v=zoYPLvxxqMA

* Link para um vídeo curto mas muito interessante de alunos do Colegio Albert Sabin, em 2013.

etc, há mais quarenta anos, que corríamos o risco de sermos vítimas dessa degradação diante da possibilidade de uma “catástrofe ecológica” pela explosão da civilização industrial. Um exemplo, é o livro “Primavera Silenciosa”, de Rachel Carson, de 1962,

que denunciava uso excessivo de pesticidas na agricultura e suas consequências.

Na verdade, cada vez que nos dispomos a parar um minuto e fazer uma autorreflexão sobre nossa contribuição para a crise planetária, percebemos o quanto é difícil, o

quanto estamos enredados num comportamento cheio de vaidades, desculpas e medos. Então paramos. Deixamos para amanhã. Deixamos para o governo. Deixamos para as empresas. Deixamos para as ONGs. Nossos corpos, mentes, corações não querem mais trabalho do que já têm.



Fonte: www.ufrgs.br/revistabemlegal/edicao-2018-1/significando-consumo-e-consumismo-nas-aulas-de-portugues-leitura-e-reflexao-linguistica-a-partir-de-tirinhas

Tornamo-nos dependentes da opinião dos outros, da imagem de sucesso criada, do desejo de possuímos o que outros possuem. Não consumimos para viver, consumimos para passar mensagens, para nos sentirmos incluídos na sociedade. Mas isso não é natural, não estamos biologicamente fadados a isso.

Mas, por que isso? Desde quando os humanos começaram a se apartar da natureza? É possível voltar e recomeçar? É possível apenas refazer essa relação? Se sim, como? Se não, por quê? Como ativar e sair do modo *stand by*?

Todas essas perguntas têm respostas. TODAS. O que nos falta é internalizá-las e assumirmos o compromisso da atitude.

Alguns dizem que essa cisão começou a mais ou menos onze mil anos antes de Cristo, quando surgiram os primeiros vilarejos em algumas partes do mundo. Daí as sazonalidades passaram a ser planejadas – armazenávamos comida, tecíamos roupas para diversas estações, criamos utensílios etc. Depois começamos a acumular, trocar e estabelecer hierarquias. Ou seja, uma tendência natural dos homens acompanhando o crescimento do cérebro e o surgimento do polegar opositor. O que suscita muitas considerações.

Outros estabelecem claramente a Revolução Industrial – séculos XVIII e XIX – como o início dessa mudança na relação Homem – Natureza, Homem – Homem. Um longo caminho percorrido, muitas inovações tecnológicas, muitos hábitos modificados mas muitos outros perpetrados. De fato, formas de fazer e produtos novos, num novo modelo de trabalho, de ordem social, de visão de mundo, especialmente após a 2ª Guerra Mundial. Entra em cena o poder da publicidade, da mídia, gerando necessidades desnecessárias, produtos menos duráveis – a famosa obsolescência programada, muito bem ilustrada no vídeo “A história das coisas”, disponível no YouTube. Para ter uma rápida visão sobre o início do consumismo, sugiro uma olhada no site <https://jornalggn.com.br/noticia/breve-historia-do-consumismo>. Bem simples, sem grandes considerações, para uma ideia geral mesmo de datas, nomes e eventos marcantes. Entretanto, deixa claro, pelas citações textuais lá contidas, por que e quando essa cisão definitiva aconteceu, a quem esse comportamento beneficia e como somos manipulados diariamente, inclusive reproduzindo falas, crenças sem questionar, perpetuando a separação entre Homem-Natureza.

Continuando a responder as perguntas acima, não, não é possível voltar no tempo mas, é possível parar e recomeçar, refazer essa relação, retomar as rédeas de nossas vidas, agindo a partir de agora, do hoje. Como? Simples, comece pequeno, com o que tem perto de você, com o que só depende de você. Vou dar uns exemplos: sua cidade tem feirinha de agricultores familiares? Não sabe? Descubra se tem e encontre um jeito de comprar com eles. Leve a mãe, a vizinha, uma amiga. Comida produzida próxima a você, o que diminui a poluição gerada pelos caminhos no transporte até sua cidade, sem agrotóxicos, por pessoas da sua cidade, seus conterrâneos, que precisam de incentivo para continuar trabalhando a terra. Sua cidade tem Feiras de Artesãos? Com frequência, são peças únicas, um papo gostoso, novidades em arranjos produtivos, cursos de reaproveitamento, saindo do esquema das grandes lojas.

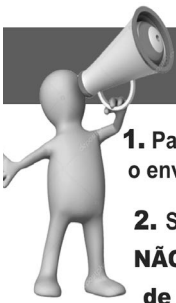
Você pode também criar na sua casa. Plantar no gradeado da janela tomates, salsinha, cebolinhas; plantar flores, elas embelezam, atraem borboletas e abelhas; usar produtos de higienização da casa e de higiene pessoal naturais e/ou orgânicos – já leram os rótulos dos desinfetantes, dos sabonetes, dos shampoos, da pasta de dentes? Sabem o que aqueles elementos químicos presentes ali representam para sua saúde e para a do planeta? Existe uma praça, um terreno vazio, perto

da sua casa? Ajeite um pedacinho do terreno com flores, uma muda de árvore, você verá que outros olharão, perguntarão e, quem sabe, plantarão e cuidarão desse espaço junto com você. Minha pergunta é: você está disposto a fazer parte da solução ou não se importa em permanecer como parte do problema?

Para Finalizar, deixamos três sugestões de vídeos/filmes: "A história das coisas"; "Amor por contrato" (The Joneses), de Derrick Borte e, "Criança, a alma do negócio", de Estela Renner.

Eu acredito que podemos ser a mudança que queremos ver no mundo, como disse Gandhi e mais, que não podemos voltar atrás e fazer um novo começo mas, que qualquer um pode começar agora e fazer um novo fim, como disse Chico Xavier.

Paz e Bem a tod@s!



AVISO AOS ASSINANTES

1. Para renovação de sua assinatura utilize **PREFERENCIALMENTE** o envelope de depósito bancário que lhe for encaminhado.
2. Se utilizar outro envelope ou fizer uma transferência, **NÃO DEIXE DE NOS INFORMAR**, pelo tel **(32) 3235-8286**, de **13:00 às 18:00** ou pelo endereço eletrônico da livraria MFC: **livraria.mfcgmail.com** ou ainda pelo **whatsapp (32) 98702-1600**.
3. Caso a remessa de sua revista seja interrompida, favor também nos comunicar pelos meios acima, pois seu pagamento poderá estar pendente de identificação.
4. O vencimento de sua assinatura será comunicado com a remessa do último número pago, juntamente com o envelope bancário para depósito da renovação.

Temos o máximo prazer em mantê-lo como assinante.



Violência contra a mulher



Alino Lorenzon

Carolina (nome fictício), hoje com 40 anos, ficou casada por mais que uma década com um homem que, da porta para fora, parecia acima de qualquer suspeita, mas depois começou a me agredir na frente da minha filha, da pessoa que trabalhava em casa. Minha filha (então com 6 anos), que estava dormindo, acordou, me tranquei com ela no quarto e só saí para ir à delegacia. Carolina fez exame de corpo de delito e conseguiu medida protetiva, mas ainda vive sob ameaças. Fiquei marcada, dolorida, mas o pior foi o emocional. Eu vivia agressões psicológicas há dois anos. Era enlouquecedor, um terror constante. A dor de Carolina é um exemplo de violência praticada diariamente contra a mulher –

e, na maior parte das vezes, por alguém próximo à vítima. Para registrar esse e outros tipos de agressão e contribuir para a implementação de políticas públicas de combate ao crime contra a mulher, foi lançada ontem, Dia Internacional para Eliminação da Violência contra as Mulheres, a plataforma EVA (Evidências sobre Violências e Alternativas para Mulheres e Meninas), do Instituto Igarapé. De acordo com os dados compilados pelo think-tank ao menos 1,23 milhão de mulheres foram atendidas no sistema de saúde brasileiro vítimas de violência entre 2010 e 2017. E o agressor é, em 90% dos casos, uma pessoa próxima da vítima – 36% das vezes, o próprio parceiro. Nesse mesmo período, as notificações de violência contra mu-

lheres brancas aumentaram 297%. No caso das mulheres negras, o cenário é ainda mais grave: 490%. Em sete anos, mais de um milhão de brasileiras sofreram violência.

Não é possível afirmar se o crescimento reflete com precisão o aumento da violência ou se também é resultado da maior visibilidade dada ao tema. Houve melhora nas notificações. O que tem acontecido é um despertar para essas questões. As pessoas estão desnaturalizando violências que antigamente se consideravam normais --- afirma a pesquisadora sênior do Instituto Igarapé, Renata Avelar Gianinni. O perfil dos crimes muda quando se faz o recorte por etnia. No Rio de Janeiro, 64% das vítimas de feminicídio eram negras, assim como 62% das vítimas de homicídios dolosos, 58% das vítimas de tentativas de homicídio, 57% de quem sofreu tentativa de estupro e 56% das que foram estupradas. Já as brancas foram 55% das vítimas de difamação, 54% de quem sofreu constrangimento ilegal e 53% das vítimas de assédio sexual. A pesquisadora Deise Benedito, especialmente em gênero e relações raciais, destaca que "pelo processo histórico em que se construiu o Brasil, não podemos levar em consideração contra as mulheres indígenas, vítimas de

inúmeras violações". E, hoje, o fato de a maioria das vítimas ser de mulheres negras, "pobres, responsáveis pela manutenção da casa e dos filhos". Para essas mulheres, tudo é negado. O corpo das mulheres negras secularmente foi algo a ser violado, desprovido de qualquer respeito, afirma Benedito. Os dados oficiais apontam para um problema de saúde pública gravíssimo, e as informações e a divulgação desses dados são de fundamental importância para que providências sérias sejam tomadas. As mulheres são a maioria das vítimas de todos os tipos de violência: física (73%), patrimonial (78%), psicológica (83%) e sexual (88%). Em 2017, a física foi a principal forma de violência registrada no sistema de saúde contra mulheres, com 59% das ocorrências, seguida da psicológica (26%), sexual (14%) e patrimonial (1%). Na questão da violência sexual, um dado que chama a atenção é o de que, quando as vítimas são mulheres adultas, cerca de metade dos crimes é cometida por pessoas conhecidas delas. Em meninas de até 14 anos, que são as maiores vítimas desse tipo de crime (56%), os perpetradores são, em 65% dos casos, pessoas com quem elas têm alguma ligação; 30% das vezes, um parente. A plataforma EVA é um banco de dados que

reúne informações sobre violência contra mulheres não no Brasil, mas também no México e na Colômbia. Juntos, os três países concentram 65% dos assassinatos de mulheres em toda a América Latina, considerados os números absolutos. No Brasil ocorrem 37% dos casos de feminicídio. A intenção do instituto é expandir sua atuação para todos os países da região.

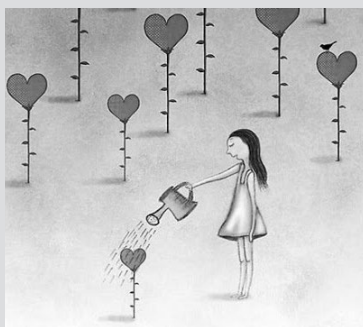
Mas o projeto esbarra no que as pesquisadoras chamam de “deserto de dados”. Muitos estados brasileiros não disponibilizaram nenhuma informa-

ção. O Brasil é um país que não se preocupa com dados estatísticos. E a pesquisadora Gabriela Mansur afirma: “A falta de dados atrapalha, mas o que mais me preocupa é o aumento da violência contra a mulher. E também não podemos transformar a vida das mulheres em números. Precisamos transformar a possibilidade de elas viverem num compromisso de todo o sistema de Justiça e da sociedade”.

Fonte: O Globo, 26.11.2019, p.24.

Frases para reflexão:

Francisco Cândido Xavier / André Luiz:



“Procura a alegria do trabalho honesto e semeia o bem através de todas as oportunidades que o mundo te ofereça! A prática do bem dá saúde ao corpo e alegria ao espírito!”

“Missionários da Luz”, p. 157.

“Os frutos falam pelas árvores que os produzem. Nossas obras, na esfera viva de nossa consciência, são a expressão gritante de nós mesmos. A forma de nosso pensamento dá feição ao nosso destino.”

“Entre a Terra e o Céu”, p. 28.



Deonira L. Viganó La Rosa

O desejo de ternura está profundamente arraigado no coração de cada um de nós. Mesmo que este desejo tenha uma história, ou que nossa cultura o valorize particularmente, ele corresponde, indubitavelmente, a um traço humano universal. Mas será que se trata de amor? Reconhecer o valor de tudo o que resulta da ternura não deve impedir-nos de questioná-la de maneira crítica. Porque, se a ternura é o primeiro nome do amor, ela não é, sem dúvida, o último.

QUANDO O CORAÇÃO SE ENTERNECE

Ternura vem de terno, adjetivo que diz a maravilha que acontece quando um homem ou uma mulher, de rígidos que eram, tornam-se sensíveis, vulneráveis. Quando o coração de pedra se torna um coração de carne (Ezequiel 36,26).

"Carne e ternura têm em comum a vulnerabilidade; na ternura, dois vulneráveis entram em ressonância e se reconhecem", diz Xavier Lacroix.

Ternura é proximidade. O outro se torna próximo e real. Amá-lo absorve o corpo, a carne, forte e frágil ao mesmo tempo. Seu rosto, seu corpo, todo seu ser adquirem um preço sem igual, sua vida torna-se tão preciosa quanto a minha.

A ternura é primeiramente carnal. Todo gesto de ternura (beijos, carícias, tomar pela mão, abraçar...) cria em nosso cérebro um fluxo de neurotransmissores relaxantes. Um olhar carinhoso, atento, compassivo ...

A ternura também passa pelas palavras: palavras doces, ternas, de estima, de estímulo, de perdão....

Fica evidente que o amor se nutre da ternura. Sem ternura

a relação teria morte segura. A ternura é indispensável à qualidade de vida de todos os seres humanos. A ternura alimenta o amor que, por sua vez, se expressa pela ternura. Ternura e o amor se coproduzem.

MAS A TERNURA NÃO É O AMOR

Uma pessoa pode buscar e expressar ternura em momentos de alegria, de saúde, de felicidade. Mas, secar na hora do sofrimento, ou da decepção.

É por isso que se diz que a ternura não é o amor. Mesmo que os pontos comuns entre os dois sejam numerosos, mesmo que a ternura seja, incontestavelmente, um dos nomes do amor, ela permanece um sentimento. O amor, em sentido pleno, é outra coisa: é uma orientação, um ato, um querer. Amar é querer o outro como sujeito. Querer o outro como ele é, com suas diferenças. O amor não é apenas uma palpi-

tação do coração, ele é obra, é construção, é engajamento. Amar é desejar todo o bem ao outro, fazer (ação) tudo o que é possível para que o outro alcance este bem, sem esperar recompensa. E isto é mais que ternura, embora a ternura seja tudo de bom e deva ser cultivada e aprendida dia a dia. Somos um tanto analfabetos quando se trata de ternura.

É interessante questionarmos para descobrir se somos possuídos pelo medo face às expressões de ternura. Se resistimos, quem sabe por não termos tido experiências familiares, ou outras, neste sentido.

E, enquanto casal, evitamos os momentos em que nosso parceiro (ou parceira) poderia nos tocar, acariciar, entrar em nossa intimidade?

Deonira L. Viganó La Rosa
Terapeuta de Casal e família.
Mestre em Psicologia.

Frases para reflexão:

“(...) é da plenitude do coração que os lábios falam. (...) quando um vaso fica mais cheio, transborda necessariamente.”

Huberto Rohden:
“Miriam”, p. 67.





Em tempos de barbárie, queimam os livros...

Como no nazismo, década de 1930, na Alemanha, os livros são colocados em listas de proibição, autores são execrados pelos mais diversos modos, a leitura de textos literários e filosóficos é considerada subversiva. São fatos recentes no Brasil, que, infelizmente, traduzem o cenário contemporâneo a nível global.

Vivemos tempos obscuros. A ignorância toma conta dos espaços institucionais. A liberdade de imprensa é ameaçada. Educadores e artistas são considerados desnecessários. Uma constatação evidente para quem combate a educação como elemento de transformação e de emancipação. Aumenta o espaço das falas ameaçadoras, carregadas de arrogância e pobreza de espírito.

Por que os livros são tão ameaçadores para os governos de perfil autoritário? Haja vista sua condição de evidente prepotência e postura de excluir a pluralidade de ideias e de crenças, nos governos pautados em fundamentos extremistas, as leituras de cunho filosófico ameaçam a barbárie. Eis a razão da perseguição e da lista dos livros proibidos. A barbárie, aqui assumida como negação da dignidade humana, só é possível com a negação da liberdade de pensar, questionar e refletir.

Quem pensa incomoda, e traz perturbação ao medo e à ignorância. Um país sem leitores críticos é uma presa fácil, estreitamente ligada ao alvo dos regimes totalitários. Sem a criticidade reflexiva, a massificação torna-se absoluta.

A pior barbárie é a ignorância. É dela que surgem todos os males. Os meios autoritários que se valem tais iniciativas repressoras são marcados pela tentativa de inibir a existência de difusão do saber filosófico, científico e da arte. Quem demarca o horizonte da barbárie é a imposição arbitrária de ordens consideradas absolutas. A morte do pensar é a vida da barbárie...

O que fazer diante do exposto? Ora, se quisermos recompor os movimentos de contraposição à lógica autoritária, que perfaz o núcleo operante do crescimento de regimes autoritários pelo mundo atual, inclusive em nosso país, faz-se necessária a retomada do debate público sobre os direitos humanos, a ética do cuidado, o respeito às pluralidades étnicas, sexuais e religiosas, o estudo de obras literárias e filosóficas em grupos e movimentos comprometidos com a emancipação do povo reunido

em assembleias de cidadania e cultura. Conseguimos isso por meio do incentivo ao fomento de grupos de estudo, rodas de conversa, projetos de leitura nas escolas, incentivo à arte nas comunidades, acesso ao cinema e aos movimentos culturais, sobretudo entre os núcleos sociais de maior risco e vulnerabilidade.

Para a arrogância prepotente da barbárie, responderemos com o cultivo ao saber e ao engajamento social, tendo a liberdade de pensar como mola propulsora para a vitória contra a maledicência e o ódio, que não permanecerão entre nós, pois tudo que traz consigo a inviabilização do humano direito de cultivo do espírito não durará por muito tempo.

Jorge Leão

Professor de Filosofia do IFMA, São Luís / MA. Membro do Movimento Familiar Cristão, em São Luís / MA

Frases para reflexão:



“Somente quem ama, pode compreender o Amor.”

**Pe. Arnaldo Lima Dias
(1945 - 2017)**

Todas as contas contam...

Das brumas do tempo me vem a lembrança de um precioso feriado junto ao fim de semana, o que possibilita uma viagem com minha família a Poços de Caldas, no sul de Minas. Tempo de lazer, descanso e proximidade com os meus. Tempo de ser marido, pai, companheiro e amigo sem pressas.

Acordo cedo, e da janela do hotel vejo instalar se na praça em frente uma feira de artesanato. Distração garantida e, talvez, uns reais a menos na carteira e uns quilos a mais na bagagem de volta.

Após o café, passeio entre as barracas observando e sendo observado. Quadros previsíveis, peças de roupas, objetos em madeira, vidro, cristal. Coisas bonitas, originais e outras nem tanto numa feira como tantas outras.

Depois de passear o olhar relaxado por tudo, perguntar alguns preços, sento-me num banco da praça para respirar e saborear aquele momento raro de tranquilidade e prazer.

Diante de mim um homem de longos cabelos e barba grisalha abre no chão um pedaço de feltro e monta ali a sua 'banca'. Anéis, colares, pulseiras vão sendo expostos.

Minha curiosidade é aguçada quando o 'hippie' começa a fazer o que, parece, será um colar de miçangas.

Ele pega um fio de nylon, desses de pesca, mais grosso, e um saquinho de contas coloridas. Apanha a primeira conta, amarela. Não sei porque, sinto uma certa contrariedade. Achei que deveria começar pelo azul. Mas ele, absorto de tudo, passa o fio pela conta e, num gesto rápido e automático pega outra, verde. Há uma lógica, penso, o hippie é um patriota. A continha verde escorrega pelo fio e vai juntar-se à amarela.

O artista estende a mão e pega outras contas no saquinho, sem sequer olhar. Vem uma preta, uma vermelha e outra amarela. Enfia as três que correm ligeiras pelo fio até se encontrarem com as outras. Na sequência, contas azuis, verdes, pretas, amarelas entram pelo fio, ou o fio entra por elas e vão formando o que me parece ser agora um caos policromático sem nenhuma ordem ou critério.

Quase me levanto do banco e interfiro quando o rapaz pega uma conta roxa. Mas, para meu alívio, o fio não entra é grosso e o buraco da conta é muito estreito. Pois

pacientemente o hippie apanha um minúsculo prego e cuidadosamente alarga o orifício da pequena conta roxa. E logo ela corre alegremente e repousa ao lado das outras.

O rapaz continua, calmo e distraído, a enfiar conta por conta, repetindo e alternando cores, colocando a mais brilhante ao lado de uma esmaecida e sem graça, numa sequência que parece seguir a absurda lógica do 'por acaso'.

Enfim, ele termina o colar. Junta as duas extremidades do fio, dá um nó e corta as pontas que sobravam, de tal modo que não se sabe agora onde ele começa ou termina. Tudo é colar...

Ele coloca sua obra sobre o feltro e observa. Sorri satisfeito. Eu reconheço que ficou

bonito, mas não dou o braço a torcer; teria feito diferente.

Fosse eu o artesão, provavelmente escolheria cuidadosamente uma sequência de cores e a repetiria harmoniosamente até o fim do colar. Ou, quem sabe, faria um colar só com contas azuis, minha cor preferida. Preto e roxo, jamais! Nem amarelo, que naquela época eu achava sem graça...

Levanto-me e vou embora, combinando cores e contas em minha imaginação.

Meses depois, participo de um retiro espiritual em Itaici, São Paulo, orientado pelo padre jesuíta Adroaldo Palaoro. Logo no início ele faz no quadro um desenho, nele sublinhando a seguinte afirmativa:



Na curva do desenho mergulho numa viagem mágica...

A cena da praça atravessa minha memória como um fio atravessa as contas de um colar.

Neste colar colorido vejo minha vida sendo desfiada conta a conta, dia a dia. Cada dia, uma conta. De todas as cores e formas. Sem nenhuma lógica aparente. Um pequeno caos cotidiano que frequentemente foge ao meu controle, escapa aos meus planos.

Há trechos do colar que são uma sucessão de cores que se repetem. Dias de um azul clarinho, outros de um cinza tristonho e, de repente, lá no meio das contas e dias, um verde brilhante, um vermelho escandaloso, um azul forte e vigoroso iluminando todo o colar. E logo a seguir... volta a rotina das cores que se repetem.

Olhando o colar da minha vida compreendo que meu cotidiano é uma ilha cercada pelo imprevisível por todos os lados.

Mas em tudo há uma certeza: o fio...

O fio atravessa e sustenta, indiscriminadamente, todas as contas do colar.

Para o fio, todas as contas contam... a mais bela e mais

brilhante e também a mais sem graça, aquela que eu rejeitaria e jogaria no lixo.

O Amor de Deus é o fio que sustenta as contas da minha vida. O vazio de cada conta é preenchido pelo fio. Quanto mais grosso o fio, mais forte o colar. O curioso é que o fio mais fino é mais prático de usar, passa mais fácil pelas contas. O fio grosso às vezes emperna, esbarra nos obstáculos que a conta tem.

Às vezes é preciso alargar os espaços da vida para caber o Amor de Deus.

Percebo também que as contas ocultam o fio. Ele as sustenta, mas quase não aparece. Mas alguma coisa me diz que ele está lá.

Essa coisa de não ver e, ainda assim, crer, tem um nome: Fé...

No entra e sai de fio e contas, o resultado final é um colar colorido que, tenho certeza, vou oferecer ao Pai, de presente, quando enfim encontrá-Lo face a face. Quando, ao unir as pontas não haja mais começo nem fim, apenas colar, apenas vida e vida em plenitude.

Este sentimento chama-se Esperança...

Mas, por enquanto, nos dramas e nas tramas do coti-

diano, o desafio é tomar, todos os dias, o fio do Amor de Deus e deixar que ele atravesse as contas da minha vida, todas elas, sem escolher cores ou formas, nem tamanho, nem comprimento. Na liberdade da Fé, na serenidade da Esperança.

Fé, Esperança e Amor...

Vi, naquela praça, e compreendi na oração que, no amor de Deus, até o 'por acaso' pode virar 'por querer'.

Eduardo Machado

Extraído do livro "Sobre todas as coisas"

Lastro editora - 2010

Frases para reflexão:

"Todo dia somos chamados a ser uma "carícia de Deus" para aqueles que se esqueceram dos primeiros afagos ou que talvez nunca tenham recebido uma carícia na vida."

Papa Francisco: "O Amor é contagioso", p. 151.

"É preciso uma mudança no coração, que permita a cada um reconhecer no outro um irmão do qual cuidar e com o qual trabalhar, para que, juntos, construam uma vida de plenitude para todos."

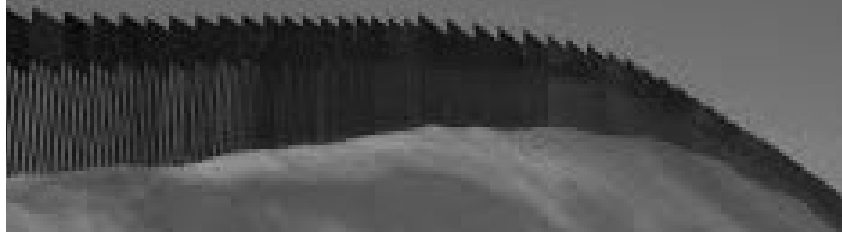
Papa Francisco: "O Amor é contagioso", p. 70.

"O mundo que pode ser um lar é o mundo do amor."

AnselmGrün: "Pequeno Tratado do Verdadeiro Amor", p. 172.



Refugiados e hospedagem: o desafio



Deonira L. Viganó La Rosa

Oprimida pelos acontecimentos do momento tais como chocantes decisões de Trump, rebeliões de presos, degolas e matanças constantes, milhões de desempregados, revelações diárias de práticas de corrupção que arrancam do povo a esperança de uma vida digna, fugitivos de guerra morrendo no mar - ou sendo hospedados por outros países em condições desumanas(segundo Bauman, a crise dos refugiados é sem dúvida o problema humanitário mais grave do nosso tempo).

E, ainda, diante de Franklin, um haitiano a quem socorremos em um momento de extrema necessidade, e que agora telefona e escreve no watts, pedindo: "Moça, eu preciso um trabalho. Um trabalho".

Apequenada por minha impotência, e sentindo um mal-estar inquietante, ocorreu-me fazer uma reflexão sobre a hospitalidade, num momento em que quase nenhuma nação quer hospedar os estrangeiros fugitivos da violência, da fome e do frio. E quando se dispõe a hospedar recebe uma saraivada de críticas porque o hóspede vem tirar o que é meu, da minha família. Se torna uma ameaça para mim.

É provável que limpemos a consciência pensando que quem deve acolher o estrangeiro errante, ou o drogado, ou o miserável, são os governantes dos países, não nós.

Mas a não-hospitalidade é um problema meu, da minha família, da minha comunidade-Igreja, e todas as comunidades que se fecham estão destinadas à "morte".

Os desafios da hospitalidade estão diretamente relacionados aos desafios da convivialidade, afirma o pesquisador A. Montandon.

A hospedagem acontece quando acolhemos um Outro ser humano, diferente nos costumes, no idioma, nas crenças, ou drogado, miserável, que vem e nos desinstala de nosso conforto. Hospedar é sair de si mesmo.

HOSPEDAGEM E HUMANISMO

Como diz Placido Sgroi, a hospitalidade é um símbolo da condição humana, símbolo radical, pois todos e todas somos porque fomos hospedados num ventre materno.

E os que somos cristãos temos para contemplar a Encarnação do Verbo que se fez hospedar na carne e no mundo. O próprio Deus se faz hospedar pela humanidade e experimenta esta hospitalidade de forma precária, é um hóspede recusado, e um emigrado que encontra salvação longe de seu país, com a fuga para o Egito. É um refugiado.

SOMOS CHAMADOS A MUDAR

Não somos habituados a pensar/sentir/agir em relação aos refugiados como sendo um problema nosso, porque não somos capazes de ver nos

necessitados de qualquer espécie nossos irmãos. Se não formos humanos, não sere-mos cristãos.

Habituamo-nos às práticas litúrgicas, a passar correntes de oração para os amigos, a compartilhar imagens de Nossa Senhora, a fazer pedidos e promessas, novenas, mas o cristianismo que se vive seguindo uma pessoa, a pessoa de Jesus, tentando sempre fazer o que ele fez no dia a dia, aí temos mais dificuldade.

Como nos organizamos para mudar estruturas sociais excludentes? Quanto somos Igreja em saída, como pede o Papa Francisco?

No último Natal, muitos nos contentamos em entregar roupas usadas em um abrigo, doar brinquedos que os filhos já não querem, pagar um doc para ajudar uma instituição. Mas nada de fazermos um esforço coletivo para buscar a dignidade para todos o ano inteiro de forma estrutural.

Precisamos educar-nos e a nossos filhos para que sejamos cidadãos comprometidos com todos, no sentir e no agir, pois, se somos todos irmãos, a todos precisamos estender a mão

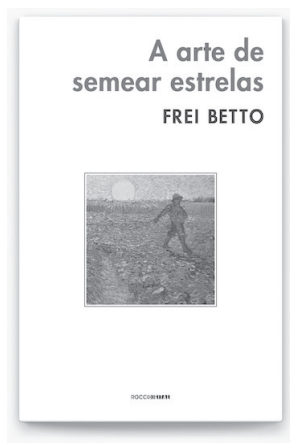
*Deonira L. Viganó La Rosa
Terapeuta de Casal e família.
Mestre em Psicologia.*

SUGESTÕES DE LEITURA

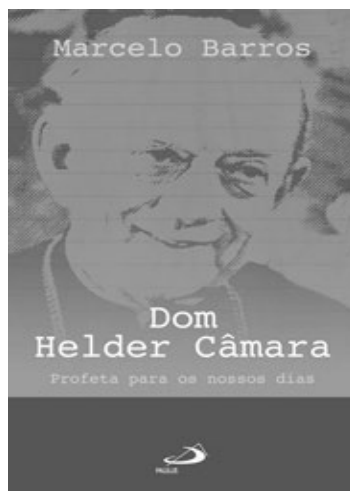
Convite à não-violência: Em paz com o mundo. José Hermógenes (1921 - 2015). Rio de Janeiro: Nova Era, 2000. "(...) Chegou o momento de amainar a violência gerada pelo egoísmo paranoico generalizado e dar a maior expansão ao Amor. Só assim serão conquistadas a segurança e a ansiada paz interna. A paz externa virá, mas como acréscimo da grande mudança que cada um precisa começar a fazer. O 'homem velho' que aí está será sempre e simultaneamente promotor e vítima da violência. A paz é a maior riqueza do 'homem novo' em que você e eu teremos de nos tornar. Eis a razão deste Convite à não violência". Com estas palavras o autor apresenta um de seus maiores legados: uma vida dedicada à realização de um mundo transformado pela consciência de nossa responsabilidade individual e coletiva, na construção da Paz.



A arte de semear estrelas. Frei Betto. Rio de Janeiro: Rocco, 2007. Fazer de nossas vidas uma arte de semear estrelas, essa é a perspectiva apontada pelo autor em seus textos multifacetados e marcados por uma fina sensibilidade, que coloca o leitor em cenários celebrativos, oriundos de sua militância pastoral e política e povoados por uma singular memória afetiva, onde relatos de sua infância, temas literários e filosóficos traçam a trajetória de um caminho solidário com os que ousaram e continuam se lançando na coragem utópica de semear estrelas.



Dom Hélder Câmara: Profeta para os nossos dias. Marcelo Barros. São Paulo: Paulus, 2011. Em estilo leve, o monge Marcelo Barros se dirige especialmente à juventude, ao lembrar de suas experiências de convívio e colaboração pastoral com Dom Hélder Câmara (1909 - 1999) e nos ajuda a não deixar que se perca a memória desse grande profeta, que, em seu último encontro com o autor, deixa a sua última palavra, marca de sua vida entre nós: "Não deixe cair a profecia".

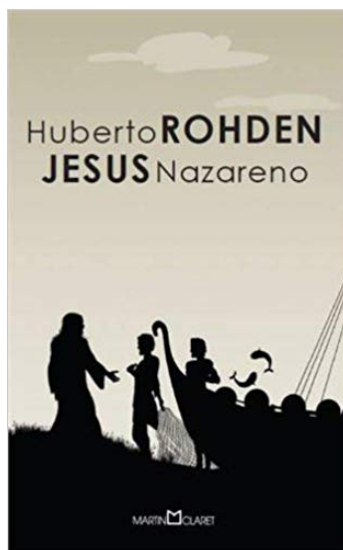


Encontrar sentido na vida: propostas filosóficas. Renold Blank. São Paulo: Paulus, 2008. Neste livro, o autor nos convida a conhecer leituras variadas que marcaram a busca humana pelo sentido da vida. A partir de indagações como: Qual o sentido da vida? Somos resultado do acaso?, são apresentadas algumas das respostas mais interessantes do pensamento filosófico contemporâneo, buscando oferecer-nos pistas para uma reflexão mais cuidadosa sobre esse tema tão caro a pensadores como Soren Kierkegaard (1813 - 1855), Teilhard de Chardin (1881 - 1955), Franz Kafka (1883 - 1924), Martin Heidegger (1889 - 1976), Albert Camus (1913 - 1960), Jean-Paul Sartre (1905 - 1980) e Victor Frankl (1905 - 1997).



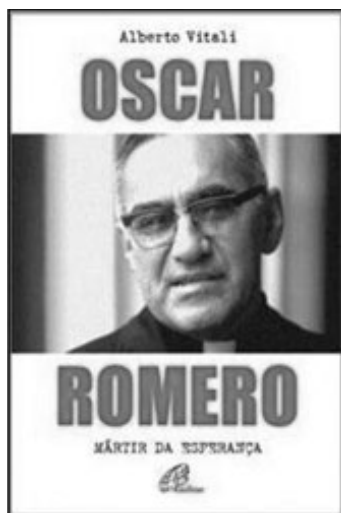
Jesus Nazareno. Huberto Rohden (1893 - 1981). 2. ed. São Paulo:

Martin Claret, 2013. Com uma riqueza de detalhes única e profunda análise filosófica, o autor constroi a trajetória histórica e espiritual de Jesus de Nazaré, destacando em suas vivências o traço humano e divino daquele que continua a nos tocar fundo a alma, quando suas palavras nos inspiram a vivenciar a essência de sua mensagem crística.



Mártir da Esperança. Alberto Vitali. São Paulo, Paulinas, 2015.

Em 24 de março de 1980, Dom Oscar Romero, arcebispo de San Salvador, foi assassinado enquanto celebrava uma missa. Para entender a figura desse pastor, é preciso considerar a história social e política de El Salvador. É o que faz o autor desta biografia, ao esforçar-se por não fazer de Dom Oscar Romero um exemplo de espiritualidade separada da história, mas, ao contrário, um cristão, tão mártir quanto o povo que nele se inspirou durante o longo e doloroso processo de libertação, que levaria mais de uma década e vitimaria cerca de oitenta mil pessoas, entre mortos e desaparecidos.



Novo Testamento: tradução de Haroldo Dutra Dias. Brasília: FEB, 2016.

Tradução dos originais gregos, realizada por Haroldo Dutra Dias, O Novo Testamento apresenta o texto das escrituras sagradas (nesta edição, os quatro primeiros evangelhos e os Atos dos Apóstolos) estruturado de tal forma que respeita as questões culturais, históricas e teológicas da época em que Jesus viveu entre nós. Enriquecida com notas auxiliares à ambientação de expressões idiomáticas e às tradições religiosas, a obra aborda os temas direta e sucintamente, o que favorece o entendimento textual, possibilitando o mergulho vivencial nas narrativas dos primeiros evangelistas e de sua mensagem apostólica.



Os Irmãos Karamázovi: Fiódor-Dostoiévski (1821 - 1881).

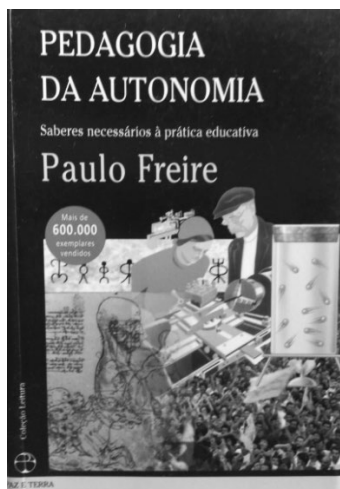
Tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2008. Última obra de um dos maiores escritores da literatura universal, Os Irmãos Karamázovi apresenta, por meio de uma conflituosa relação familiar, o drama existencial entre Deus, amor e liberdade, temas que acompanham Dostoiévski de modo emblemático em sua vasta produção literária. Nos traços da dominante personalidade de Fiódor Karamázovi, o pai, e seus três filhos (Dimitri, orgulhoso e apaixonado; Ivan, intelectual atormentado; e Aliócha, místico e amoroso), o autor apresenta a sua maior pretensão: dar ao amor cristão dos evangelhos a sua máxima extensão existencial. Um livro extraordinário, para aprofundar reflexões que ultrapassam os limites de uma religião institucionalizada, indo ao cerne da mensagem amorosa dos evangelhos: o Amor Ágape.



Pedagogia da Autonomia - Saberes necessários à prática educativa. Paulo Freire (1921 - 1997). São Paulo:

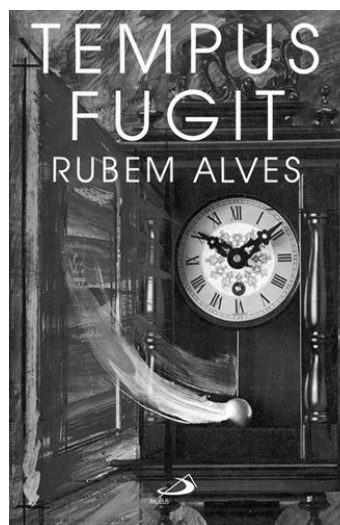
Paz e Terra, 1996. Paulo Freire, em um de seus últimos escritos, nos traz a sua síntese da práxis libertadora, própria ao processo educativo. O autor compreende a ação pedagógica como veículo indispensável de conscientização por meio da construção de sujeitos históricos autônomos e responsáveis pelo processo de transformação. Sua escrita flui de sua vida, como professor e animador de experiências comunitárias que ajudaram a formar gerações de livres pensadores pelo Brasil e pelo mundo, dando a ele o reconhecimento de "patrono da educação brasileira".

Livro imprescindível a todos e a todas que pensam a educação como agente de mobilização para a construção de um mundo mais justo e fraterno.



Tempus Fugit. Rubem Alves (1933 - 2014). São Paulo: Paulinas, 1990.

"Sentia que o relógio chamava para o seu tempo, que era o tempo de todos aqueles fantasmas, o tempo da vida que passou... Tenho saudades dele. Por sua tranquila honestidade, repetindo sempre, incansável, "tempus fugit". (...) Quem sabe que o tempo está fugindo descobre, subitamente, a beleza única do momento que nunca mais será...". Rubem Alves traz neste livro uma abordagem poética sobre o tempo, nos colocando na experiência de suas memórias afetivas, para fazer ecoar em nossa sensibilidade algo além da evidência da finitude, mas, como transcendência poética, a temporalidade daqueles que fazem de sua existência uma porta aberta para o extrair da vida a sua beleza essencial.



Frases para reflexão:

“Se compreendes bem, aspiras melhor, dando ao que dizes a sintonia necessária com a tua conduta.”

Sabedoria búdica

“Descobri que o mais alto grau de paz interior decorre da prática do amor e da compaixão. Quanto mais nos importamos com a felicidade de nossos semelhantes, maior o nosso próprio bem-estar.”

Dalai Lama

“Um coração que ora é instrumento indispensável, e o coração aprende a orar quando servimos os outros.”

Mohandas Gandhi (1869 - 1948)

“Aquele que se abstém de agir fracassa. Aquele que renuncia à recompensa de sua ação se eleva.”

Mohandas Gandhi (1869 - 1948)

“O amor é a perfeição da consciência.”

Rabindranath Tagore (1861 - 1941)



SINOPSES DE FILMES

JUVENTUDES ROUBADAS. Direção: James Kent (2015). Baseado no livro de memórias sobre a Primeira Guerra, de autoria de Vera Brittain, que se tornou o testemunho desse conflito do ponto de vista de uma mulher. Uma jornada intensa desde as esperanças e sonhos da juventude até as raías do desespero, o amor jovem, a futilidade da guerra e sobre como ver sentido nos momentos mais sombrios.

Assistir no youtube: <https://youtu.be/aYq274XkUE8>

O ENIGMA DAS CARTAS. Direção: Michael Lessac (EUA, 1993). Quando Ruth Matthews descobre que sua filha, Sally, vive fora da realidade, ela e um médico lutam para tentar curar a criança. Mas quando a ciência convencional parece incapaz de ajudar a pequena garota, Ruth embarca em uma viagem dentro de si para desvendar os mistérios que mantêm sua filha reclusa, neste conto apaixonado e angustiante sobre o amor de uma mãe e a busca de uma família por uma cura.

Assistir no youtube: <https://youtu.be/Snt2KkL6oZw>

AS NEVES DO KILIMANJARO. Direção: Robert Guédiguian (França, 2011). Michel e Marie-Clarie são casados há trinta anos e vivem em paz, rodeados pelos familiares e amigos. Líder sindical, faz um sorteio e vários colegas são despedidos, e o seu nome também está na lista. Passa a viver em casa, na convivência de filhos e netos. Até que, um dia, o casal é abordado com violência e assaltado. O dinheiro que eles vinham juntando para visitar o monte Kilimanjaro é levado. Quando os autores do crime são descobertos, Michel e Marie-Clarie agem de forma inesperada, devido ao histórico dos ladrões.

Link: <https://tv.uol/yXq2>

SOLDADOS DE SALAMINA. Direção: David Trueba (Espanha, 2003). Uma romancista abandona sua carreira de escritora para investigar uma história real sucedida nos últimos dias da Guerra Civil Espanhola: o escritor Rafael Sánchez Mazas foi fuzilado junto com outros cinquenta prisioneiros, mas consegue fugir e esconder-se

na floresta. Rafael Sánchez acaba sendo encontrado por um soldado, que lhe deixa escapar. A escritora recompõe as peças desta história, repleta de contradições e personagens enigmáticas. Em sua busca, acaba não só indo ao encontro da verdade, como de si mesma.

Assistir no youtube <https://youtu.be/s4Ehys8qSrU>

AMOR POR DIREITO. Direção: Peter Sollett (EUA, 2015). Após a detetive Laurel ser diagnosticada com câncer, ela descobre que os oficiais do governo local não concederão os benefícios de pensão à sua companheira, Stacie. Recusando-se a aceitar a decisão dos políticos, Laurel e Stacie lideram uma batalha por direitos iguais, ajudadas inesperadamente pelo ativista Steve Goldstein – neste filme inesquecível, que fala sobre o poder do amor e a busca por justiça.

Assistir no youtube <https://youtu.be/4-ht50iotWU>

SEPARADOS, MAS IGUAIS. Direção: George Stevens Jr. (EUA, 1991). A história se baseia em um fato ocorrido no ano de 1954, nos Estados Unidos. Naquele ano a Suprema Corte americana julgou o caso “Brown contra o Conselho de Educação”. O resultado do julgamento declarou inconstitucional a segregação racial nas escolas públicas daquele país. Temos aqui uma luta que parecia ter nascido perdida. Se a Constituição garantia em sua Décima Quarta Emenda a igualdade de direitos entre brancos e negros, por que isso não era cumprido? Neste caso específico, tratava-se do direito à educação. A ação tem início no estado da Carolina do Norte, no final dos anos 1940. Um advogado, Thurgood Marshall (interpretado pelo ator Sidney Poitier), é contratado para fazer valer este direito básico. O governo estadual, por sua vez, contrata o famoso advogado John W. Davis (a última interpretação do ator Burt Lancaster), para defender a manutenção da situação existente. A luta se revela árdua. Marshall decide recorrer à Suprema Corte. O curioso é que esta mesma corte já havia negado recursos similares por sete vezes no passado. Porém, uma série improvável de acontecimentos termina por mudar o rumo das coisas. Separados, mas iguais conta a história desta luta justa pela igualdade de direitos entre brancos e negros nos Estados Unidos. Um passo importante na conquista dos Direitos Humanos.

Assistir no youtube <https://youtu.be/oGMSf87hLbQ>